



Os Paradoxos da Sabedoria Oculta

Eliphas Levi





Sociedade das Ciências Antigas

OS PARADOXOS DA SABEDORIA OCULTA

POR

ELIPHAS LÉVI



ALPHONSE-LOUIS CONSTANT

- 1836 -

(Portrait dessiné par un de ses amis.)

ELIPHAS LEVI EM 1836

INDICE

Paradoxo I	3
Religião é Magia Sancionada pela Autoridade	3
Paradoxo II	7
Liberdade é Obediência à Lei	7
Paradoxo III	12
O Amor é a Realização do Impossível	12
Paradoxo IV	16
O Conhecimento é a Ignorância ou a Negação do Mal	16
Paradoxo V	21
A Razão é Deus	21
Paradoxo VI	26
A Imaginação Concretiza aquilo que Inventa	26
Paradoxo VII	30
A Razão é Deus	30
Magia e Magismo	33
O Grande Segredo	50

PARADOXO I

RELIGIÃO É MAGIA SANCIONADA PELA AUTORIDADE

Magia é a divindade do homem conquistada pela ciência em conjunção com a fé; os verdadeiros magos são Deuses--Homens, em virtude da sua íntima união com o princípio divino. Eles não têm medo nem desejos; não se deixam dominar pela falsidade; não endossam erros; amam sem ilusão e sofrem sem impaciência; pois deixam que as coisas sigam seu curso, e repousam na quietude do pensamento eterno. Os verdadeiros magos apóiam-se na religião, mas esta não lhes pesa sobre os ombros; a religião é a Esfinge que obedece, sem nunca devorá--los. Eles sabem o que é a religião e sabem ser ela necessária e eterna.

Para as almas degradadas, a religião é um grilhão impingido através do interesse rasteiro, da pusilanimidade, do medo e das loucuras da esperança. Para as almas elevadas, a religião é uma força resultante de uma intensa dependência ao amor da humanidade.

A Religião é a poesia coletiva das grandes almas. Seus mitos são mais verdadeiros que a Verdade propriamente dita; mais vastos que o Infinito; mais duradouros que a Eternidade; por outras palavras, são essencialmente paradoxais.

Os mitos da religião são o sonho do Infinito no Desconhecido do Possível no Impossível, do Definido no Indefinível, do Progresso no Imutável, do Ser Absoluto no Não-Existente.

São a racionalidade derradeira do Absurdo, que se auto-afirma, para negar a dúvida; são a ciência da tolice, o amplexo da Loucura e do Saber. São os gritos de águia rapace acima das nuvens, o urro do leão apocalíptico, que se mune de asas e levanta voo; o gemido do touro sob o cutelo sacrificial e o lamento imperecível da humanidade diante das portas do túmulo.

Para o homem, Deus é, e só pode ser, o ideal de homem. Em si mesmo ele é o desconhecido, mas em sua revelação, a um só tempo divino e humano, ele é o homem paradoxal, o substancial sem substância, o pessoal sem definição, o imutável que se transforma mas não tem forma, o onipotente em luta eterna contra a fraqueza do homem, a serenidade que troveja, a misericórdia que amaldiçoa, a bondade infinita que tortura, a eternidade que perece; uma contradição infinita; o abismo do coração humano, servindo de mundo para um ídolo insaciável e aterrador; a crueldade de Nero, a finura de Tibério bebendo o sangue de Jesus Cristo, um papa imperador ou um imperador antipapa, o rei dos reis, o pontífice dos pontífices, o verdugo dos verdugos, o médico dos médicos, o libertador dos homens livres, o inflexível feitor de escravos.

Deus é por toda parte o ideal de quantos em sua ignorância o adoram; feroz entre os selvagens, prenhe de paixões humanas entre os gregos, um déspota oriental para os judeus, ciumento e desapiadado como um sacerdote celibatário para os ultramontanos. Todos e cada um criam um personagem a que atribuem em dose infinita suas próprias características e seus próprios defeitos.

Todo homem adora o Deus que construiu para si à sua própria imagem ou aquele que as autoridades, mais ou menos interessadas na sua ignorância e na sua fraqueza, lhe impuseram. Adorar temendo é quase o mesmo que "odiar", embora o medo mascare o ódio; adorar destemidamente é "amar".

A verdadeira piedade, que é a base da religião, é a exaltação do amor, pois o amor em grau máximo não aceita as barreiras do impossível; o impossível é o seu sonho e o milagre, para ele, é a realidade. Que coisa poderia propiciar uma religião que não nos desse o infinito? Que é o Protestantismo com o seu sacramento falto de realidade? Uma tristeza de círio derretido ou de igreja derruída! Como pode o pão consagrado pela palavra representar Jesus Cristo se não é o pró-

prio Jesus? Que loucura não ser o Cristo a divindade! Bela devoção essa, mastigar um pedaço de pão — principalmente para aqueles que não sentem a necessidade da presença de um milagre no ato. Pode-se amar um ser humano até a morte, até o abandono de si mesmo, até a loucura, mas será possível imortalizá-lo e torná-lo divino, imortalizando-nos simultaneamente com ele? Será possível incorporá-lo em nós mesmos? Comê-lo por inteiro e sentir que ele está mais vivo do que nunca e fora de nós, quando o absorvemos, comungando com o seu ser imenso e o seu amor eterno? Desgraçadamente, não o sentimos nem eterno nem imenso! E é assim que Deus nos vem, disfarçado sob a aparência do pão! Nós o vemos, tocamos, provamos, comemos e a sua eternidade palpita em nossa carne mortal. O sangue que pulsa em nosso coração é o dele. O nosso peito infla quando ele respira. Oh! esses Protestantes com o seu bocado de pão e o seu gole de vinho. . . belo sacramento têm eles ali!

A Fé, poeta enamorado do ideal, sorri ante a ridícula realidade, mas o crente fanático exaspera-se. Diz a Razão que nos devemos apiedar dos Protestantes. "Não!", retruca, furiosa, a Fé; "devemos puni-los! O Deus que sinto irar-se dentro de mim condena-os ao inferno; por que não devo mandá-los para a pira ardente?" Detém-te mísero assassino! Acreditas que por que Deus se fez homem o homem pode transformar-se em tigre? Tu te acreditas concebido no amor infinito e no entanto move-te o ódio. Imaginaste haver comido o Céu, e, vê, vomitas o Inferno! Comeste a carne de Cristo não como um Cristão, mas como um canibal. Blasfemo, sacrílego, cala-te e limpa a tua boca, porque teus lábios estão sujos de sangue.

Sem dúvida alguma, responsabilidade não cabe à religião pêlos crimes que em seu nome foram perpetrados em épocas de barbárie. Numerosos hereges foram então agentes de conspirações e sedições. O massacre de S. Bartolomeu foi um recurso extremo cuja perfídia só se explica, talvez, pela necessidade de fazer abortar uma trama não menos pérfida.

Assim, pelo menos, é que a Rainha Mãe e Carlos IX procuraram justificar os seus atos. O que é certo é que naquela época ambos eram capazes de qualquer coisa. Mas que justificava jamais se poderá dar para a Inquisição? "Deus se fez homem", poder-se-á responder, usando palavras que Pio V interpretou de maneira terrível e Vicente de Paula de maneira sublime. Segundo a Bíblia, Deus não se arrependeu de haver tomado a forma humana? Cruel exagero da iniquidade humana! Tão gigantesca pareceu ser esta, que Deus chegou a vacilar em seus desígnios! O homem se diviniza até mesmo em seus crimes e sonha insurgir-se contra o Eterno. A revolta irreversível dos condenados e a conseqüente e impotente ira de um Deus já sem condições de perdoar.

Bem, até mesmo isto é sublime em seu horror, e o dogma católico é admirável, em toda a sua pavorosa profundidade, para quantos lhe percebem a poesia sem se deixarem enredar por sua sedução e seu feitiço.

Deus parece arrepender-se de haver tomado a forma humana porque o homem de tempos em tempos se arrepende de haver criado um Deus.

As ficções divinas sucedem-se umas às outras como as idades. Júpiter destrona Saturno e o Jesus Cristo dos papas reina em lugar do Jeová dos Judeus. O Jesus de S. Domingos é, não obstante, o filho do cruel Deus de Moisés, mas as feras de Daniel e do Apocalipse têm, inevitavelmente, que desaparecer para dar lugar à pomba e ao cordeiro. Deus ter-se-á de fato convertido em homem, quando os homens se houverem tornado tão bons como deve ser Deus. O génio do homem, ao desenvolver-se através dos tempos, vai tecendo a genealogia dos Deuses. Ê no génio do homem que um Ser Eterno concebe um filho que deverá suceder ao pai, e é aí que, do pai para o filho, transita um espírito de sabedoria e inteligência que explica os mistérios de ambos. A Trindade não nasce assim dos intestinos da humanidade? Não a considera o homem eterna em três pessoas, o pai, a mãe e o filho? Na trindade humana, o filho não é tão velho como o pai? Pois o pai também é filho! Não é a mulher uma concepção imaculada da natureza e do amor? E essa sua concepção não é pura? Pois o pecado do amor termina onde começa a maternidade. Há uma virgindade na

santidade da mãe, e desde que Deus se fez homem, isto é, desde que Deus não vive realmente para nós, não se personifica, nem pensa, nem ama, nem fala, a não ser como humano, a mulher típica, a mulher coleíva, é realmente a mãe de Deus.

Existe a redenção, isto é, solidariedade entre os homens; os bons sofrem pêlos maus e os justos pagam pêlos pecadores. Assim sendo, tudo é verdadeiro nos dogmas da religião desde que tenhamos a chave do enigma. O Catolicismo é a Esfinge dos tempos modernos. Se nos colocarmos aos seus pés, sem lhe decifrarmos o enigma, seremos devorados por ele; se lhe decifrarmos o enigma sem o dominarmos, ou apenas o decifrarmos pela metade, estaremos, como Édipo, condenados à desgraça e à cegueira autoprovocada.

Um católico inteligente não deveria abandonar a igreja, deveria permanecer nela; sábio entre ignorantes, homem livre entre escravos, a fim de esclarecer os primeiros e libertar os últimos, pois, uma vez mais repito, não há religião verdadeira fora do âmbito da Catolicidade.

O fundamento lógico de uma religião é ser irracional! Sua natureza é ser sobrenatural. Deus é supersubstancial. O espaço e a substância universal são o Infinito, Deus está neles, pois é o conhecimento e a força do infinito.

O infinito é o absurdo inevitável que se impõe à ciência. Deus é a explicação paradoxal do absurdo que se impõe à fé.

A ciência e a fé podem e devem contrabalançar-se reciprocamente produzindo equilíbrio; não podem jamais amalgamar-se.

O Padre Eterno é judeu; o bom Deus é cristão; a divindade de Jesus Cristo, o Papa e o Demónio são católicos; mas a caridade, que é católica e goza de certa proeminência, suprimirá o Demónio e converterá os idólatras do Papa.

O pecado original é judeu, o bom senso, cristão, a simplicidade e a inteligência são católicas, mas a loucura pretensiosa é protestante.

Don Juan, Voltaire, o primeiro Napoleão, Venillot, Polichinelo, Pierrot e Arlequim são católicos, mas Prud'homme é protestante, e o que é pior, Pedreiro-Livre.

A filosofia é Ateia ou Cristã, a poesia é Católica e a escassez egoísta e mercatória é Protestante.

Por isso a França é Voltairiana mas sempre Católica, ao passo que os ingleses, os prussianos e os Mxxx são protestantes.

— Sim, senhores da Hierarquia Eclesiástica — disse o Católico Galileu; — a Terra é fixa, se assim o desejais; é o Sol que gira em torno dela. Direi mais, se o desejardes. Direi que a Terra é plana e que os Céus são de cristal. Provera a Deus que vossos crânios fossem do mesmo material, de modo que um pouco de luz pudesse penetrar em vossos respeitáveis miolos. Sois a autoridade, e a ciência é obrigada a curvar-se perante vós; ela pode dar-se o luxo de curvar-se ao encontrar convosco; pois ela fica, enquanto vós passais. Vossos sucessores serão obrigados, por sua vez, a curvar-se a ela e a conviver harmonicamente com ela.

Rabelais, não menos letrado e não menos católico que Galileu, escreveu o seguinte no prólogo do seu quarto livro de Gargantua:

— Se na minha vida, nos meus escritos, na minha fala — minto, até mesmo nos meus pensamentos

—, eu notasse o mais leve vestígio de alguma heresia, com minhas próprias mãos apanharia a

lenha e acenderia o fogo com que me queimaria na pira.

Será possível ver aqui Rabelais, o inquisidor, queimando--se a si próprio, Rabelais, acusado de heresia?

Isso lembra-nos Deus ocasionando a morte de Deus a fim de aplacar a Deus. É inexplicável, tal como cumpre a um mistério, mas essencialmente Católico.

Nada é tão excitante para a imaginação como um mistério, e a imaginação eletriza e multiplica por dez a vontade. Os homens sensatos são chamados a governar o mundo, mas são os loucos que o convulsionam e metamorfoseiam. Por isso é a loucura considerada divina nas nações do Ocidente. De fato, aos olhos de um mortal qualquer, o homem de génio é um louco. Realmente, ele contém, talvez, em si alguns grãos de loucura, pois quase sempre esquece o bom senso para atender ao sublime impulso. Moisés sonha com uma Terra Prometida e arrasta para o deserto toda uma horda de pastores e escravos que resmungam, revoltam-se, matam-se mutuamente e morrem de fome e cansaço durante quarenta anos. Ele jamais chegará à Palestina; morrerá, perdido, na montanha, mas seu pensamento varrerá os céus e ele dará ao mundo um Deus, único, e um código universal; da sombra de Moisés, insepulto, sairá a glória imensurável de Jeová.

Ele criou um povo e começou um livro; um povo bravamente maldoso em sua tenacidade, soberbo e servil a um só tempo; um livro cheio de sombras e luzes, de uma grandiosidade e absurdo sobre-humanos; esse livro e esse povo resistirão a toda e qualquer força, toda ciência, todos os esquemas políticos, todas as críticas das nações e ao passar do tempo. Nesse livro a civilização aprenderá a adorar; desse povo os reis tomarão os seus tesouros, e quem ousará julgar o homem do Mar Vermelho e do Monte Horeb? Que filósofo racionalista irá chamá-lo de sábio? Mas que apreciador das grandes coisas se atreverá a chamá-lo de tolo?

Podemos falar agora em Jesus Cristo? É preciso, porém, que dobremos os joelhos diante daquele que a metade do mundo adora. Que grande hierofante, que antigo oráculo teria podido prever esse Deus? Que astrólogo ou que adivinho poderia ter concebido a ideia de dizer ao Imperador Tibério:

— Neste instante um Judeu da Galiléia, proscrito pelo seu próprio povo, renegado pelos amigos e condenado por um de vossos Prefeitos, está na agonia da morte. Depois de sua morte ele destronará os Césares e aqueles que promoverem a continuação da sua inconcebível dinastia reinarão em Roma no vosso lugar. Todos os Deuses do Império e do mundo inteiro cairão por terra ante a sua imagem; o instrumento da sua tortura se transformará no símbolo da Salvação.

Que loucura será o Cristianismo se não for sobre-humano! Que fé horrível, essa fé em Jesus Cristo, se ele não for Deus! Será concebível uma moléstia mental suficientemente contagiosa para fazer delirar através de muitos séculos a quase totalidade da humanidade? Que dilúvio de sangue fez correr esse extintor dos sacrifícios cruentos! Que ódios implacáveis, que vinganças, que guerras, que torturas, que massacres, não fomentou esse apologista do perdão? Mas Jesus era mais do que um homem; era uma ideia, um princípio. Eu sou um princípio que fala, disse ele, referindo-se a si mesmo.

Deus fez-se homem; assim se proclama na terra a adoração da humanidade. "Emanuel. Deus está em nós", dizem, abraçando-se mutuamente os Irmãos em Rosacruz, iniciados no mistério do Deus-Homem. Sois unos comigo, disse o mestre aos seus discípulos, assim como meu Pai e Eu somos unos; aquele que vos ouve, ouve-me a mim, e aquele que vos vê, vê o meu Pai. Triunfo e milagre! Deus já não é um desconhecido para os homens, porque o homem conhece o homem. Deus deixa de ser invisível quando nos é dado ver o nosso próximo. Ele é o benfeitor que nos ajuda, é o pobre que nós ajudamos.

Ele é o doente que padece, o médico que cura. Ele é o sofredor que chora e o amigo que consola. E

a mulher — como o Cristianismo a exalta! O que dela se presume; a mulher é a mãe de Deus, pois Deus se fez homem! Uma virgem — podemos amá-la com todas as nossas aspirações ao infinito; uma mãe — já não basta amá-la simplesmente, é preciso adorá-la como adoramos A Graça e a Providência. Ela tem nos lábios a lei do perdão; ela é paz e misericórdia, é natureza e vida, é obediência — é livre, é Liberdade — , é submissa. Ela é tudo aquilo que devemos amar! Em seu louvor se recitam as Litanias da Mãe-Virgem; Eu te saúdo, Porta do Céu, Templo de Marfim, Santuário Dourado, Rosa Misteriosa, Vaso Sacro da Devoção, Vaso Ilustre, Vaso Admirável, Píxide de Amor, Taça dos Santos Desejos, Estrela Matutina, Arca da Aliança.

Oh! que grita de amor a ti levantam todos esses mártires, autocondenados a uma eterna viuvez que não compreendem! Oh, suspiro cruel e desesperado o de todos esses sofredores sequiosos por uma imagem sempre ilusória, espicaçados em seus anseios por frutos a seus lábios sempre negados. Sublimes sonhadores! Renunciam à mulher para ganhar o céu, como se o céu fosse alguma coisa sem mulher, e como se a mulher não fosse a Rainha do Céu! "Pecado de Adão, glorioso pecado", canta a igreja na sua liturgia, "pecado glorioso que mereceu o próprio Deus como redentor! Ó pecado de Adão, inevitável entre todos!" Filtra-se, assim, nos cânticos sacros os mais recônditos segredos do Santuário, mas aqueles que repetem estas misteriosas palavras não se dão conta do seu verdadeiro sentido, e seus corações, ardendo talvez sob as cinzas, os acusam de desejos, como se fossem coisa de envergonhar, e de saudades, como se fossem uma infidelidade!

A religião é, portanto, a exaltação do homem e a adoção da mulher. A compreensão da religião é a emancipação do espírito e a Bíblia dos hierofantes é a Bíblia da liberdade. Crer sem saber é fraqueza; crer por saber é poder.

PARADOXO II

LIBERDADE É OBEDIÊNCIA À LEI

Onde está o espírito de Deus está a Liberdade, dizem as Escrituras Sagradas.

Conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres, disse Jesus Cristo. Devemos fugir da escravidão literal para a liberdade do espírito, disse o grande Apóstolo. Diz ele também: Foste comprado por preço muito alto, nunca mais te escravizes aos homens. Nós somos filhos e não escravos de Deus. Somos irmãos e não escravos de Jesus Cristo.

A lei foi feita para o homem e não o homem para a lei, reiterou o Divino Mestre. A liberdade é o objetivo da existência humana; somente nela podem conciliar-se os direitos e deveres do homem; nela consistem a personalidade e a autonomia, e somente ela pode tornar o homem capaz e digno da Imortalidade.

Liberar-nos da escravidão às Paixões, da tirania dos Preconceitos, dos erros da Ignorância, dos padecimentos do Medo e das ansiedades do Desejo, tal é a Obra da Vida.

É uma questão de ser ou não ser. Apenas o homem livre é homem; os escravos não passam de animais ou crianças.

Sto. Agostinho resume toda a lei neste esplêndido dito: — Amai e fazei o que quiserdes.

O homem livre não pode desejar senão aquilo que é bom, pois todos os maus são escravos.

Segundo o espírito dos nossos símbolos (Católicos), a liberdade do homem é a grande obra de Deus; por causa dela, permite Deus que exista o inferno e que a sombra hedionda do Demônio chegue até o Céu. É por isso que a quietude mais do que régia da Divindade é preterida aos sofrimentos da Humanidade acusada. Deus aspira à cruz do malfeitor e deseja, para não ser um

déspota que abusa da Onipotência, conquistar, através do sofrimento, o direito de perdoar a insurreição. A mulher foi audaciosa; quis saber; o homem foi sublime, ousando amar. E Deus, que a um só tempo os admira e pune, parece ter ficado enciumado dos seus filhos.

Tudo isto é uma revelação, poética e esotérica; tudo isto ocorreu na mente Humana e no coração Humano. O homem percebe a sua alta dignidade quando deseja ser livre; o eterno abutre pode despedaçar o fígado de Prometeu, mas a coragem do grande sofredor se renova e reforça com a audácia. Júpiter se vinga, mas teme, e o homem irá destronar Júpiter, provando ser mais Deus que ele, dando todo o sangue do seu coração para curar as feridas de Prometeu e indo sofrer em lugar deste.

Emancipação, Liberdade, eis a palavra final dos Símbolos. Jesus desceu aos Infernos a fim de matar a escravidão da Morte, e, retornando à Luz, trouxe consigo cativo e cativos.

Um dia, somente a Morte estará morta; somente as maldições serão amaldiçoadas, e somente a condenação condenada, e o Espírito de Luz que deseja que todos os homens se salvem, todos os homens conheçam a verdade, Deus — que, depois de haver responsabilizado a todos os homens em conjunto pelo erro de um único indivíduo, bem poderá perdoar a todos em razão dos méritos de um só homem — Deus fará que o bem triunfe; e o mal será destruído.

Virá o tempo em que se compreenderá que não existe verdadeira Liberdade sem Religião, não existe verdadeira Religião sem Liberdade, mas, hoje em dia, Religião e Liberdade parecem excluir-se mutuamente e contender sem trégua. Assim como a Religião, a Liberdade tem os seus mártires, e a Liberdade negará a autoridade enquanto a Igreja negar os direitos da Liberdade.

— Devemos conceder aos homens a liberdade de consciência? — perguntaram os nossos Doutores, e Roma decidiu-se pela negativa, mas isto quer dizer simplesmente que a Igreja não renuncia à direção daqueles que a escutam.

A Liberdade não é dada; é tomada, ou melhor, a Natureza no-la dá com o auxílio da ciência; indagar se devemos dar aos homens, homens de verdade, a Liberdade de consciência é o mesmo que perguntar se lhes devemos permitir terem cabeça e coração. Não teria Galileu, mesmo depois de retratar-se, sabido que a Terra se movia? Irá a civilização recuar em virtude de haver um sílabo? Deverá o Papa impedir-nos de ir adiante? Saudemos o Papa e caminhemos sempre em frente. Se o Santo Padre deseja fazer-se ouvido, é preciso que também ele se mexa; é hora de levantar-se o pastor quando o seu rebanho se afasta. "Detém-te! — dirão alguns — Tua posição de católico não te permite falar assim.

Se uma autoridade ilegítima me impõe silêncio, detenho a minha língua, mas a Terra gira!

A consciência é inviolável, pois é divina, e é, de fato, aquilo que no homem é essencial e absolutamente livre. Pois fora da consciência, onde se poderá encontrar uma concretização absoluta desse ideal: a Liberdade?

Desde o berço o homem se vê sujeito a necessidades tirânicas, e, goste ou não, deve, tem de suportar durante toda a vida essa cadeia de obrigações que a sociedade e a natureza se esmeram em lhe impor.

A Verdade e a Justiça são mestras severas, e o Amor é um déspota, via de regra cruel. Para aquele que não é rico surgem as necessidades da existência; não existe alternativa entre a opressão do trabalho e o pelourinho da miséria. Aqueles que são considerados os donos do mundo e da felicidade têm outros inimigos e outros grilhões; vai nisto tanta verdade que Alexandre o Grande tinha quase inveja à cínica loucura e à indiferença de Diógenes; mas Diógenes e Alexandre eram dois pontos extremos da vaidade paradoxal; eram ambos escravos do seu Orgulho e não homens

livres.

Liberdade é o pleno gozo daqueles direitos que não conotam um dever. É através do cumprimento do dever que os direitos são adquiridos e preservados. O homem tem o direito de fazer os seus deveres porque é obrigado a preservar os seus direitos. A autodevoção é apenas uma sublimação do dever, e é o mais sublime de todos os direitos. Um homem poderá dedicar-se a outro, mas isso não significa que seja escravo desse outro; ele poderá empenhar a sua liberdade, mas não pode aliená-la sem praticar uma espécie de suicídio moral. Um homem poderá dedicar a sua vida ao triunfo de uma ideia, reservando-se, porém, o direito da expansão mental e da edo-ção de um objeto mais digno. Um voto perpétuo é uma afirmação do Absoluto no Relativo, do Conhecimento na Ignorância, do Imutável no Transitório, da Contradição em todas as coisas. É, portanto, um compromisso, nulo e vazio, por ser precipitado e absurdo, e o arrependimento (e a retração), ao nos darmos conta da loucura, não apenas é um direito, mas também um dever.

É verdade que a Igreja, cujas decisões em matéria de Fé devem ser acatadas por todos os Católicos, aprova os votos perpétuos; mas apenas quando decorrem de uma graça sobrenatural. Tais votos são vazios e antinaturais, mas na ordem sobrenatural são sagrados e invioláveis.

O casamento é também um compromisso perpétuo que nem sempre a natureza ratifica. Daí decorrem por igual o rigor justo, porém inútil, da moralidade e a deterioração dos costumes. Daí decorrem, em perene contraste, as lágrimas e o sangue da tragédia conjugal e o inexaurível divertimento dos contos e comédias. Moisés estava terrível ao descer do Monte Sinai, chifres na testa; mas por que teria chifres? Porque era casado, comentaria decerto algum deslavado gaulês; e porque durante quarenta noites se ausentara do leito conjugal! A velha anedota não poupa a ninguém.

Os dois maiores livres-pensadores que o mundo jamais conheceu foram Rabelais e Lafontaine, esses dois velhos mestres do espírito e do humor. E, o que é de suma importância, ambos bons Católicos e acima de qualquer suspeição de heresia. Rabelais havia vestido a sotaina e tivera a habilidade de colocar-se nas boas graças do papa. Lafontaine era casado e não vivia com a mulher; mas que magos do estilo! Que apóstolos da mais cristalina Verdade! A obra de Rabelais é a Bíblia do bom senso e da alegria infalível; a de Lafontaine é o Evangelho da Natureza. Rabelais costumava dizer missa, e se Lafontaine tivesse vivido no seu tempo nunca deixaria de comparecer e ler as profecias de Baroque.

Devemos fazer aquilo de que gostamos, desde que gostemos daquilo que devemos. Essa é a Lei da Liberdade! Por outras palavras, todo homem tem direito a cumprir o seu dever, mas o primeiro dever do homem está estabelecido no primeiro mandamento do Decálogo.

Adorarás um Deus apenas e apenas a ele obedecerás.

E Jesus, ampliando o preceito, a ponto de dar à sua explicação um cunho paradoxal, não hesitou em acrescentar: não chamarás a ninguém neste mundo de senhor ou pai; um apenas é o teu pai, o teu senhor, e esse é Deus.

E S. João, confidente dos pensamentos de Jesus, nos diz que Deus é o Verbo ou Razão e que O Verbo é Deus.

Por isso temos, e só podemos ter, como senhor a Razão, ou o Verbo que fala.

Pois o Verbo — acrescenta S. João — é a verdadeira Luz que ilumina todo aquele que vem ao mundo.

Jesus Cristo disse de si mesmo: Eu sou o princípio que fala

E todo aquele que fala de acordo com a Razão pode dizer: "Eu sou a Razão". E devemos fazer e deixar de fazer aquilo que ela determina, pois a Vontade da Razão prevalece sobre o Capricho do homem. O capricho cabe na escolha das diversões. No que tange ao divertimento, podemos escolher entre um e outro, mas tal não se dá no caso dos deveres que se nos impõem, os quais somos obrigados a aceitar e fazer.

O dever esmaga todo aquele que procura furtar-se a ele, mas acalenta com amor todo aquele que o executa de bom grado.

Querer aquilo que devemos, isto é, querer aquilo que Deus quer. E quando a vontade do homem é a mesma que a vontade Divina, ela se torna onipotente.

É então que os milagres da Fé se realizam; é então que poderemos remover montanhas e fazer que as árvores frutíferas se desloquem para dentro do mar — palavras do nosso Salvador que não devem ser tomadas ao pé da letra.

A Palavra da Razão é eficaz, porque deseja o fim e determina os meios.

É certo que nem montanhas nem árvores se deslocarão de moto próprio.

A Força manipula a Matéria e o Pensamento dirige a Força.

A Fé se vale do Conhecimento e o Conhecimento dirige a Fé.

Nem Deus propriamente dito pode fazer alguma coisa contrária à Razão, o que vem a ser a Lei da Justiça, porque Justiça, Lei e Razão são Deus propriamente dito.

Deus não detém o Sol e a Lua apenas para que Josué extermine uns tantos Canaanitas; e o anúncio de tal milagre não passa, com certeza, de uma figura de hipérbole da poesia Oriental.

Deus não repudia um povo depois de havê-lo eleito, e não muda a sua religião depois de havê-la dado como eterna.

Determinações arbitrárias, favores, privilégios, ira, repúdio, perdão, pertencem apenas à fraqueza do homem.

Mas para fazer as crianças compreenderem gradualmente a Razão, é preciso às vezes recobri-la com uma aparência de loucura.

A infância é naturalmente tola; ela tem de ter as suas histórias absurdas e os seus brinquedos sensacionais. Tem de ter as suas bonecas automáticas, seus animais acionados por mecanismos. Verdade é que, em pouco tempo, trata de quebrar tais brinquedos para ver o que há dentro deles.

Por essa forma a Humanidade rompe uma após outra todas as suas Religiões infantis.

A verdadeira Religião é a Religião eterna.

A verdadeira Piedade é a Piedade que é independente. A verdadeira Fé é a Fé absoluta que explica todos os símbolos e paira acima de todos os Dogmas. O verdadeiro Deus é o Deus da Razão, e a sua verdadeira adoração é Amor e Liberdade.

Os Cristãos tinham razão quando quebraram os ídolos, porque os homens teimavam em obrigá-los a adorá-los. Os Protestantes tinham razão quando espezinharam e queimaram as imagens dos

Santos porque, a fim de obrigá-los a venerá-las, os homens estavam queimando na pira os próprios Protestantes.

Não obstante, haverá algo mais Divino do que as grandes obras de Fídias e do que as Virgens de Rafael?

A adoração das imagens não será a adoração da Arte, e a maravilhosa Religião dos gregos não terá sido uma das mais graciosas e esplêndidas formas da Religião Universal?

Adoro realmente a Divina Majestade ante o Júpiter de Fídias, a Beleza Imortal na Vénus de Milo, a Divindade do Homem no Cristo de Michelangelo, o Sonho do Paraíso na pintura de Fra Angélico

Mas, se para obrigarem-me a adorar uma ou outra dessas obras, me apontarem forcas ou piras ardentes... Eu me enchei de desprezo, ignorei o carrasco e darei as costas ao ídolo. Oh, loucura da tirania humana!

Na França, no próprio país cujo nome significa Liberdade, ergueram-se cadafalsos aos pés do próprio ídolo da Liberdade.

Contudo, Robespierre e Marat amaldiçoaram os Inquisidores da mesma forma pela qual os Inquisidores amaldiçoaram Nero e Diocleciano, e Marat e Robespierre foram, por sua vez, amaldiçoados por assassinos posteriores, e a Liberdade continua sendo um sangrento Paradoxo, um ídolo faminto de sacrifícios.

Até esta data o mundo continua a ser um imenso hospício. Grupos inteiros aprisionam um só indivíduo, exíngindo-lhe: — Adora os nossos chinelos; senão, ardes na fogueira!

Sendo esperto, o homem caído em suas garras finge adorar os chinelos e talvez ao fazê-lo não seja nem hipócrita nem idólatra, mas aquele que se torna vítima é um sujeito sem perfídia, que toma tudo a sério, resiste e se transforma em Mártir!

A lassidão que sobrevêm ao deboche impele os homens à loucura do suicídio, e as orgias da Decadência só poderiam terminar numa epidemia de Martírios. As moças de uma certa época saltavam para dentro das fogueiras como que numa roda de dança; mães entediadas arrastavam seus filhos para o massacre. Carrascos, fartos de matar, atiravam longe os seus cutelos e imploravam a morte. "Retirai vossas golas de rufos e preparai o campo para os verdugos" — escreveu Tertuliano para as mulheres cristãs. As crianças brincavam de Martírio, e uma delas foi vista aquecendo ao rubro um pedaço de ferro para segurá-lo na mão. A crueldade romana provocou uma reação, e o gosto da tortura como exibição criou o desejo de experimentá-la como sensação nova.

Polignoto e Nearco, ao interromperem uma cerimónia religiosa e deitarem por terra os altares pátrios perante uma assistência horrorizada, terão agido como seres razoáveis? E então? S. Paulo não terá postulado a loucura da crucificação? E o próprio Jesus não provocou comoção no Templo de Jerusalém? Ele era Deus, dirão. Que fosse, mas do ponto de vista humano a sua conduta foi altamente irregular e imprudente, e concordarão comigo neste ponto. . . se tiverem coragem.

Será válido, aceito o pretexto de que se é Deus, agir com menos prudência do que um homem sensato? Essa é a indagação que, se não de direito, pelo menos tem-se vontade de fazer; ao menos quando se aceitam os Evangelhos como história. Mas os Evangelhos são mais do que história; são preceitos e símbolos. Deus condena o comércio das Coisas Sagradas; não admite transações em seu Templo e os vendilhões merecem o castigo de serem escorraçados a chicote; suas tendas são derrubadas e as suas moedas são pisadas sob os pés. Isto é tudo quanto significa a Lenda (ou Santo Evangelho, se preferirem) dos vendilhões do Templo; curvo-me aqui e me calo.

Tudo é lindo na nossa Religião quando sabemos compreendê-la. Toda a nossa Religião é verdadeira, e eu ousaria mesmo dizer que toda Religião é verdadeira, tirante as omissões, transposições, interpretações errôneas, conjecturas apres-das, adições, imaginações e incompreensões.

Isto é que os livre-pensadores têm de compreender em última instância se não desejam permanecer em perene combate contra uma das mais poderosas forças da Natureza Humana, o desejo insopitável de crer, e adorar alguma coisa no Infinito, e ter Fé numa Humanidade de certa forma maior que a natureza, de modo a alçar-se sempre na sua direção, purificar-se nela, a fim de dominar e reinar através dela.

Voltaire não desejava destruir a Religião, mas queria reduzi-la a um Deísmo puro. Seu lema era: Deus e Liberdade. Ele, que se imaginava poeta, não compreendia contudo o grande Poema Épico dos Símbolos, que principia com as Forças cegas e termina com a Inteligência e a Liberdade, espezinha sóis, o fogo sagrado de Zoroastro, permite seja este roubado por Prometeu, num desafio aos raios de Júpiter, adora a força apresada aos pés da Beleza, atravessa o domínio esplêndido e quase infinito dos sonhos e, por fim, realiza a sua síntese na realidade do Homem.

Deus deixa de ser o gigante invisível, fantástico, solitário, escondido nas profundezas inescrutáveis do Céu; Ele está entre nós, está em nós, nasceu da Mulher, é o filhote cujos primeiros vagidos ouvimos, é um jovem que pensa e ama, um fora-da-lei que luta e sofre, um livre-pensador que protesta, um reformador que expulsa compradores e vendedores do Templo Sagrado, um amaldiçoado que abençoa, e se ergue dos mortos, é o Homem puro que perdoa a Mulher adúltera, o médico que cura, mas é também o doente que espera, o paralítico que se levanta e caminha, o cego que abre os olhos. Os outros são em mim, disse o Salvador, e aquele que me vê a mim vê também a meu Pai; tudo o que se fizer a qualquer um deles será feito a mim, e Deus está em mim, tanto quanto eu estou Nele. Estará ele falando apenas no povo escolhido pertencente à bendita raça de Abraão? Não! pois ele abençoa por igual o bom Sa-maritano, o Centurião, a mulher de Canaã e a imensa legião das nações, as quais almeja reunir sob um só manto. Assim, aquele que dá pão aos pobres dá pão a Deus; aquele que consola um sofredor consola a Deus; aquele que abençoa um infiel abençoa a Deus; aquele que injuria um homem injuria a Deus; aquele que amaldiçoa um homem amaldiçoa a Deus; aquele que mata um homem comete Deicídio.

Que teria Jesus pensado dos desapiedados Sacerdote e Levita excomungando e condenando à morte o bom Samaritano por herege e o ferido de Jericó por haver recebido com gratidão os socorros de um infiel? Qual será o seu juízo acerca daqueles Inquisidores que prenderam, torturaram e queimaram Deus vivo? Mas o Deus desses homens era o Demónio e a sua Religião o Anticristo. O homem não tem direito de matar o homem a não ser em legítima defesa. A execução de um criminoso é um infortúnio de guerra numa Sociedade ainda não Cristã, mas o executado que aceita o castigo é o Pai do bom ladrão morrendo lado a lado com o Salvador, e é preciso vermos nele Deus distinguindo-se do bruto. O crime não é um ato humano, mas o sacrifício é Divino quando voluntário. Homo humcmi a me nil alienum puto. Sou um homem e nada que é humano pode ser estranho a mim. Foi isto o que Deus disse ao mundo no Espírito da Revelação Cristã.

Procuremos Deus na Natureza, adoremo-lo em Espírito e na Verdade, amemo-lo e sirvamo-lo na Humanidade. Eis a Religião, eterna e definitiva .

E quando o chefe da Família Humana houver trilhado esse caminho, poderemos dizer então com Voltaire: "Deus é Liberdade", pois o homem compreenderá Deus e merecerá ser livre.

PARADOXO III

O AMOR É A REALIZAÇÃO DO IMPOSSÍVEL

O Amor é a Onipotência do Ideal. Através do Ideal, a alma é exaltada; torna-se maior do que a Natureza, mais viva do que o mundo, mais elevada do que a Ciência, mais imortal do que a Vida.

Quando Jesus Cristo disse: "Ama a Deus com todo o teu coração e ao teu próximo como a ti mesmo, esta é a Lei", o que ele queria dizer era: Ama, ama sobre todas as coisas; e mais, ama o teu próximo como a ti mesmo, vale dizer, ama-te a ti mesmo no teu próximo.

O egoísmo devidamente ordenado começa com os outros. Amar é viver, amar é saber, amar é ser capaz, amar é rezar, Dar é ser o Deus-Homem.

A mulher ousou desgraçar-se, com o fito de colher a Divindade e ofertá-la ao Homem e o Homem, que não tinha sede de Divindade, pois tinha a Mulher, o Homem encarou como coisa muito simples seguir sua companheira até a morte. Começou aí a encarnação de Deus. Eva obrigou Deus a fazer-lhe homem, pois ela se havia tornado mãe.

A Morte e o Inferno haviam crescido, peçados de terrível e perene ameaça, e num instante o Amor os vencera.

O Amor é mais forte do que a Morte, diz o Cântico dos Cânticos. É muito mais insuperável do que o Inferno. O Amor é o Fogo Eterno e não há Dilúvio capaz de apagá-lo.

Dá por um pouco de amor tudo aquilo que tens, tudo aquilo que almejas, tudo aquilo que prezas, tudo aquilo que és. Teu sangue, teu coração, tua vida e tua alma, e comprarás o amor por nada!

Aquele que privar a sua alma do Amor perderá a sua alma, e aquele que perder a sua alma por Amor salvará a sua alma.

Muitos pecados serão perdoados ao coração que muito amou; o próprio Jesus assim o disse.

E ele teve Madalena por companheira e amiga, e pediu água de beber à mulher da Samaria, uma pecadora, perdoou a mulher surpreendida em adultério, e disse que as mulheres livres entrariam mais facilmente no Paraíso do que os Fariseus e os Doutores da Lei, porque os erros do Amor são mais desculpáveis que os do Orgulho, pois é melhor amar erradamente do que não amar.

Na Moralidade Absoluta, o Bem é Amor; O Mal é Ódio. O Amor deve ser amado e apenas o Ódio odiado. Uma única palavra de Ódio merece o Inferno, dizem os Evangelhos; e, conseqüentemente, uma palavra de Amor merece o Céu, duas vezes, pois o Amor gratifica com maior liberalidade do que o Ódio pune.

Mas o Amor propriamente dito não é a sua própria recompensa? Aquele que ama não terá encontrado a chave do Céu?

Para Sta. Teresa o inferno era a impossibilidade de amar, o que lhe parecia tão horrível que ela tinha pena de Satã. "O infeliz", costumava dizer a santa, "já não pode amar".

A mulher lastimando o Demónio, que mudança na Cristandade!

Quando o mundo aprender a amar, o mundo será salvo

O homem que sabe amar atrai para si todas as almas.

Cobiçar não é amar. Exigir não é amar. Escravizar não é amar.

O desejo excessivo produz enfaro; a inexorabilidade merece repúdio.

A Tirania suscita a rebelião por parte dos fortes e a traição por parte dos fracos.

O Ciúme é odioso e ridículo. Odiar o coração que já não nos ama não é o mesmo que puni-lo por nos haver amado? A fúria ciumenta é uma ingratidão furiosa.

Há, porém, um ciúme sublime, que não é senão o zelo do amor, e que para engrandecimento do Amor propriamente dito exige ser amado. Pois o ser amado é sempre o Ideal Supremo da Alma, é a miragem do Absoluto.

Simpatias e enfatuamentos passageiros não são Amor.

O verdadeiro Amor é a apreensão de Deus no homem; é a essência da religião, da honra, da amizade e do casamento.

O Amor não apenas é imortal, como também faz a alma imortal. O amor não envelhece, nem muda. Os corações podem dele afastar-se, assim como a Terra se afasta do Sol para dormir, e é então que o frio da noite parece abater-se sobre a alma.

No plano físico o Amor é o princípio da vida; no plano espiritual ou metafísico, é o princípio da Imortalidade.

Voltando à origem de todas as coisas e dali se difundindo sobre todos os seres chama-se Piedade, Caridade e Bondade; quando envolve respeito ao dever chama-se Honra; é a fonte da Individualidade Humana.

E manifestamente imortal, pois não faz concessões à Morte; desafia-a, despreza-a e amiúde a transforma numa bênção e num tributo; que é um mártir senão uma testemunha que reafirma a Vida Eterna apesar das torturas e da morte?

O Amor se afirma de modo absoluto; onde há Amor, não há Medo. Ele impõe suas condições à vida e não é por esta condicionado.

O Amor deve ser livre no homem: na Natureza é o filho do Destino. Como o imã, tem duas forças: atrai e repele, cria e destrói. O Amor é o irmão da Morte, mas é o irmão mais velho. É o Deus de que a Morte é o sacerdote, o Deus que ilumina a Morte com o seu fulgor, enquanto a Morte lhe rende tributo com sacrifícios eternos.

O Amor tem uma sombra que os homens chamam de Ódio, e tal sombra é necessária para pôr em relevo o seu esplendor.

A Beleza é o seu sorriso, a felicidade a sua alegria, a deformidade a sua tristeza., a dor a sua prova. A Guerra é a sua grande febre; as Paixões, sua moléstia; a Sabedoria, seu triunfo e repouso.

O Amor é cego mas carrega consigo um facho; é Lúcifer, Anjo e Demónio; é Condenação e Salvação.

É Eros equilibrado por Anteros; é S. Miguel tendo Satã por pedestal.

O grande arcano da Magia é o mistério do Amor. O Amor faz que os anjos morram e immortaliza os Demónios.

Ele transforma em mulheres as Sílides, Ondinas e Gnomos e reverte à terra o elementar.

O Amor compromissou Pandora e Prometeu; é por Pandora que o coração de Prometeu renasce incessantemente sob os talões do abutre, e é por Prometeu que Pandora ainda alimenta esperanças.

O Céu é um hino de amor realizado; o Inferno, uma grita de Amor frustrado; mas, como disse um grande Poeta, as sombras do Inferno são a escuridão visível, pois há sempre alguma luz na noite.

Se o Inferno não tivesse no amor uma causa válida de existência, ele seria o crime de Deus.

O Inferno é o laboratório da Redenção, e é eterno, de modo a que a obra da reparação possa ser eterna, pois Deus sempre foi, e sempre será, aquilo que é.

O sofrimento eterno é a grita da eterna frutificação.

Ao pé da cruz do Salvador, em angelicais representações, aparecem duas mulheres. Uma delas permanece de pé e velada, imóvel e pálida como uma estátua na majestade da sua dor; é a Virgem sem mácula, a mãe que concebeu sem pecado. A outra, prostrada e chorosa, esgrouviada e desalinhada, os olhos vermelhos de chorar, o peito arfando em soluços: é a pecadora, Maria Madalena, exprobrada pelo mundo, abençoada por aquele que morre.

De cada lado de Cristo dois homens se contorcem na agonia, dois malfeitores — um arrependido, outro empedernido.

A um deles disse Jesus: "Eu te perdoo", mas ao outro ele não disse: "Eu te condeno", mas sofreu em silêncio com ele e por ele.

A condenação irrevogável é a eterna censura do Ódio; o sofrimento irremediável do ser que jamais amará.

O Amor involuntário não é um sentimento particularmente humano; é o instinto universal de toda a Natureza.

O animal não escolhe seduções. Apenas o homem detém na mão a maçã dourada destinada pelo Céu aos mais belos. Para ser sábio, ele escolherá Minerva; para ter poder, escolherá Juno; se, porém, a satisfação dos sentidos lhe bastar, ele escolherá Vénus.

Foi o que fez o covarde Paris. Agamênon teria optado por Juno, e foi assassinado por Clitemnestra. Ulisses admirava apenas Minerva; por isso tinha Penélope por esposa, por isso triunfou sobre as sereias, sobre Calipso e Circe, escapou de Polifemo e Netuno, esmagou sob os pés seus inimigos e rivais, reconquistando destarte seu tálamo e seu trono.

Os poemas de Homero são ensinamentos divinos, cujos personagens são tipos. Agamênon e os dois Ájax são o triplo orgulho do Poder, Valor e Rebelião. Aquiles é a Ira; Paris, o Prazer; Nestor, a Experiência que fala; Ulisses é a inteligência que age. Seus trabalhos são as provações da iniciação, correspondendo aos de Hércules, mas Hércules sucumbiu a um Amor fatal e morreu vitimado por Dejanira. Ulisses desfruta da posse de Calipso e de Circe sem se permitir ser por elas possuído; ele ama o que deve e o que quer amar; sua pátria é a sua esposa, e esse amor único o conduz vitorioso através de tudo.

O Amor é a maior força do homem, quando não a sua mais baixa fraqueza. O homem é fraco se egoísta; é forte se autodevotado. Hércules compra aos pés de Onfale as volúpias de que é escravo. Com seus olhos, sua honra e sua liberdade, Sansão paga os beijos traiçoeiros de Dalila. Orfeu não deve olhar de novo para Eurídice; dominado pela sede daquela beleza que deseja contemplar uma vez mais, ele se volta, e tudo acaba — jamais poderá olhar de novo para ela.

O verdadeiro Amor prende-se não à beleza passageira; para ele a beleza é eterna e jamais lhe poderá fugir, pois ele tem a força suficiente para criá-la. O sábio não ama uma mulher porque ela é bela; ele a considera bonita porque a ama, e porque tem boas razões para amá-la.

O Amor animal é pressago. O Amor humano é providencial. Ulisses nos braços de Calipso e Circe não foi infiel a Penélope, porque o seu único pensamento era como fugir delas e voltar para a esposa; ele pecou apenas contra as sutilezas do amor e será por isso castigado pelo filho de Circe.

O grão dos filhos ilegítimos é a semente dos parricídios.

Quando não existe a fé, ou pelo menos a ilusão e o desejo da eternidade, o amor sexual é uma indigestão de animalidade ou uma fantasia de deboche. A luxúria é uma deturpação do amor que a natureza pune e que o amor ferido vinga. Mais cedo ou mais tarde o D. Juan tem de haver-se com a estátua do comandante. Mas poderemos nós nos mantermos sempre a salvo desse amor malfadado? Poderemos entregar inapelavelmente o coração apenas aos livres e legítimos?

Podemos, através do conhecimento e da vontade; quando sabemos aquilo que devemos querer, então amamos aquilo que devemos amar.

PARADOXO IV

O CONHECIMENTO É A IGNORÂNCIA OU A NEGAÇÃO DO MAL

"Perdoai-os, meu Pai, que eles não sabem o que fazem", disse Cristo, orando por seus algozes.

Ao falar dessa maneira, ele advogava a causa de toda a Humanidade. Todos os homens se enganam porque eles não sabem, e homem algum sabe o que está fazendo quando comete o mal. Como pode um ser racional com um discernimento perfeito praticar o mal? Alguém confundirá de caso pensado venenos com perfumes, fel com mel, cicuta com salsa, ou arsénico com sal?

A ignorância é a causa de todos os erros, todos os crimes e todos os males que afligem a Raça Humana.

Foi a ignorância que inventou Deuses caprichosos e vingativos; foi ela que fomentou nos Deuses as piores paixões humanas; foi ela que construiu a partir do princípio inteligente das coisas uma personalidade, distinta, definida e infinita, confundindo assim entre si conceitos os mais contraditórios. Pois no momento em que uma personalidade torna-se definida e distinta, deixa de ser possível concebê-la como infinita.

E por obra da Ignorância que os homens teimam, ora obrigar outros homens a submeter-se a uma Fé sem Razão, ora exigir a dependência a uma Razão sem Fé, perseguindo-se entre si, acabando por desviar-se para ambos os pólos da Loucura.

É através da Ignorância das Leis da Natureza que os homens acreditaram haver sido o Sol detido em seu curso, acreditaram em burros falantes, em queixadas de burros transformando-se em fontes e num mundo inteiro de absurdos e quimeras.

É a Ignorância que faz Trimalcião estourar à mesa de refeições, e S. António enlouquecer no deserto e os homens ansiarem por vícios ou virtudes desproporcionais às suas forças humanas. É por causa da Ignorância que Tibério, em Capri, infligiu-se a si próprio prazeres sensuais mais horríveis do que torturas, e sentiu-se morrer mil vezes ao dia, desgostoso do poder que tinha e da agonia dos seus divertimentos.

Os Ignorantes envenenaram Sócrates, crucificaram Jesus Cristo, torturaram os mártires, queimaram os hereges, massacraram padres, derrubaram e reergueram reiteradamente ídolos monstruosos, pregaram por vezes a tirania, por vezes a licenciosidade, negaram por vezes a autoridade, por vezes a liberdade e ignoraram em sua totalidade a Razão, a Verdade e a Justiça.

É por obra da Ignorância que o homem se orgulha quando julga receber grandes honrarias ao tornar-se ridículo e desprezível perante os demais.

É por obra da Ignorância que um homem se torna avarento, pois se coloca na posição de escravo daquilo que foi feito para servi-lo. É por obra da Ignorância que um homem se torna debochado, pois abusa mortalmente daquilo que deveria servir para propagar a Vida.

Através da Ignorância os homens odeiam-se mutuamente ao invés de se amarem, isolam-se ao invés de se ajudarem uns aos outros, separam-se ao invés de associarem-se, corrompem-se ao invés de se sublimarem, destroem-se ao invés de se preservarem e amolecem no egoísmo ao invés de se fortalecerem na caridade universal.

O homem procura naturalmente aquilo que acredita ser bom, e, se quase sempre se engana, tola e cruelmente, é porque não sabe. Os déspotas do velho mundo não sabiam que o abuso do Poder envolve a perda do Poder e que, ao cavar a terra para esconder as suas vítimas, estavam cavando as próprias sepulturas. Os Revolucionários de todos os tempos não sabiam que a anarquia, sendo um conflito de Paixões e o reinado fatal da Violência, substitui o direito pela força e aplaina o caminho para o domínio dos maiores criminosos.

Os Inquisidores não sabiam que em nome da Igreja estavam queimando Jesus Cristo, que em nome do Santo Ofício estavam queimando o Evangelho, e que as cinzas dos seus autos--de-fé iriam assinalar indelevelmente a sua testa com a marca de Caim.

Voltaire, ao pregar Deus e Liberdade, não sabia que na mente tacanha do vulgo a Liberdade destrói Deus; não sabia que nas atras bases dos símbolos oculta-se uma luz sublime; que a Bíblia é uma Babel em cujo topo descansa a Arca da Aliança; e jamais imaginou estar preparando terreno para as ímpias farsas de Chaumette e para os paradoxos de Proudhon.

Rousseau não sabia que entre os herdeiros do seu génio altaneiro e desassossegado surgiriam um dia Robespierre e Marat.

Pascal mal conhecia a Matemática pois acreditava nos Jan-senistas. Quando a exatidão das proporções e o equilíbrio evidente por toda a parte no Universo lhe estavam a demonstrar a maior justeza possível, como poderia o inconsequente geôme-tra admitir sequer a injustiça de Deus?

Se os Monges da Idade Média tivessem conhecimentos de Fisiologia e Medicina, saberiam que a solidão enlouquece os homens, que as vigílias inflamam o sangue, que os jejuns privam de sangue o cérebro e que o celibato compulsório provoca delírios anormais.

Se Bossuet e Newton tivessem conhecido a Cabala, não teriam explicado o Apocalipse sem entendê-lo

Se Napoleão III conhecesse matemática não teria atacado a Prússia.

Homem algum se ilude propositalmente a si mesmo, e todo aquele que foge à Verdade não sabe o que é a Verdade.

Cada qual cede àquilo que mais fortemente o atrai, e a predominância da atração depende do conhecimento.

Viver é sofrer; saber viver é ser feliz.

Amar é obedecer; saber amar é dominar.

Falar é fazer ruídos; saber falar é fazer melodias.

Buscar é atormentar-se; saber buscar é encontrar.

Usar é muitas vezes abusar; saber usar é desfrutar.

Praticar a magia é ser charlatão; conhecer a magia é ser sábio.

Crer sem saber é ser tolo; saber sem crer é ser louco; o verdadeiro conhecimento traz em si a fé.

O homem que sabe já não tem por que duvidar; quando o Espírito já não dúvida, a vontade deixa de hesitar e o homem consegue o que quer.

A esta pergunta: "Por que Deus nos criou?" o Catolicismo responde: "Para amá-lo, conhecê-lo e servi-lo, conquistando destarte o direito à Vida eterna".

Repitamos a mesma coisa com palavras mais simples. Estamos no mundo para amar; quando amamos, amamos a Deus, forque Deus só se manifesta na Natureza e no homem.

Estamos no mundo para aprender, vale dizer, conhecer; aprender todas as coisas é conhecer a Deus cada vez mais. A verdadeira Teologia é a Ciência Universal.

Nós estamos no mundo para servir a Humanidade, o que vem a ser servir a Deus, dedicando a ela a nossa livre atividade.

Por essa forma marchamos para o Progresso Eterno.

Ninguém conquista a Vida Eterna em razão dos seus méritos; ela se nos impõe e, mesmo que não saibamos desfrutá-la, somos obrigados a aceitá-la.

A Sabedoria é a primeira força do Universo inteligente. Deus é dono de sabedoria infinita. Aquele que sabe é o mestre natural daquele que não sabe. É preciso saber, a fim de ser. Aquele que não sabe ser rico não é rico; aquele que não sabe ser bom não é bom. O Conhecimento é proporcional ao ser e, na filosofia, segundo assinalou Kant, ser é idêntico a conhecer.

Apenas o Conhecimento confere o direito à propriedade. Nós interditamos aqueles que não sabem usar sua riqueza. O abuso decorre de ignorância, mais ou menos voluntária, de como usar. Aquele que sabe adquirir e conservar tem o direito de usar; ninguém tem o direito de abusar.

Como garantia dos direitos do indivíduo a propriedade é sagrada, pois é a expressão do direito de trabalhar e constitui o poder de dar e emprestar que é a dignidade do homem; mas ela é limitada pelo dever social, cada um devendo-se, e todos a cada um, nos graus preconizados pela Ordem, pela Justiça e pela Lei.

Ignorá-lo é propender a aceitar como Verdade o paradoxo de Proudhon, "La propriété c'est lê vol" (a propriedade é um roubo). A Ignorância é a mãe de todas as Revoluções, porque é a causa de toda a injustiça.

Quando um homem sabe, ele é mestre de todos aqueles que não sabem. O estudo é a escada do

mérito e do poder. O primeiro dentre os estudos mais importantes e necessários é o estudo de si mesmo; vem, a seguir, o estudo das ciências exatas, depois o da Natureza, depois o da História. É a partir desses estudos preparatórios que se colhem os elementos da Filosofia, os quais serão aperfeiçoados pela Ciência das Religiões.

Um Mago não pode ser ignorante; magia significa maioridade, e maioridade significa emancipação pelo conhecimento.

A palavra latina magister, que significa mestre, deriva-se, bem como a palavra magistrado, das palavras Magia e Mago.

Magos significa mais, maior — numa palavra, magia implica superioridade.

Ê por essa razão que a lenda Cristã da Epifania confunde os Magos com reis e os leva até a manjedoura do Redentor dos homens, guiados pela misteriosa estrela de Salomão.

Jesus em seu berço é saudado como Príncipe dos Magos e lhe oferecem incenso de Sabá, ouro de Ofir e mirra de Mên-fis. Porque ele vem para consagrar novamente o fogo de Zo-roastro, renovar os simbólicos tesouros do Ira e restaurar as formas mutiladas de Osíris com as bandagens de Hermes.

Os Magos, guiados pela estrela do Sabaísmo, vieram render tributo à infância da iniciação Cristã, depois, a fim de ludibriar a violência de Herodes, voltaram à sua terra por outro caminho. Que caminho é esse? Ê o caminho do ocultismo. As forças deste mundo o ignoram, mas ele é conhecido pêlos iniciados Joanitas, Adonirantitas, Iluminados e Rosacruzianos.

Ê preciso saber para querermos com razão. Quando queremos com razão, temos o direito e o dever de ousar, mas quando não estamos a salvo de ataques despropositados e perversos, é preciso que façamos silêncio sobre aquilo que ousamos.

Podemos, mas não devemos, afirmar sempre que sabemos; devemos ser livres e confessar que cremos, mas o Cristo assim não aconselhou ao dizer: "Não atireis pérolas aos porcos".

A ciência oculta tem, portanto, uma razão para ser secreta, e tal razão foi declarada, e por assim dizer sancionada, por uma autoridade a um só tempo humana e divina.

O próprio Jesus terá seguido o seu preceito? As pérolas da sua doutrina não foram calcadas sob os pés dos brutos obscenos que o devoraram e continuam a devorar? Não responderemos a essa pergunta, mas com risco do nosso repouso, da nossa reputação, e, se necessário, da nossa própria vida, temos lutado, continuamos lutando e lutaremos até o fim para fugir aos porcos com auxílio das pérolas do Santo Evangelho.

As ciências Ocultas não representam mais as ciências autorizadas do que a religião dos iniciados representa a do crente comum.

Elas talvez avancem sempre, adivinhando aquilo que não está ainda definido. Elas não desafiam o anátema, mas seguem o seu caminho sem tomar conhecimento dele, pois anátema algum pode alcançá-las.

Ê certo que existem na natureza e no homem forças que até aqui escapam ao domínio das mais sapientes autoridades. O Magnetismo continua sendo um problema que os acadêmicos não investigam. A Cabala não é conhecida dos Rabinos do segundo Talmude; a própria menção do nome magia provoca um sorriso no resto dos nossos professores de Física e tem-se como certo que a mente de alguém que hoje em dia se ocupa da Filosofia Hermética é portadora de alguma

anomalia.

Trismegisto, Orfeu, Pitágoras, Apolônio, Porfírio, Para-celso, Tritêmio, Pompovânio, Vanemi, Giordano Bruno e tantos outros teriam sido todos loucos?

O Conde Joseph de Maistre, esse altivo Ultramontano, não pensa assim; ele que reconheceu a necessidade de uma nova manifestação voltou os olhos, contra a vontade embora, na direção dos santuários do Ocultismo.

Todas as Religiões e todas as Ciências ligam-se com uma única ciência, sempre fora do alcance dos mortais comuns, e transmitida através dos tempos, de iniciado para iniciado, sob o véu da fábula e do símbolo. Tal ciência preserva para um mundo ainda por surgir os segredos de um mundo pretérito. Os Ginosofistas a estudavam às margens do Ganges; Zoroastro e Hermes a preservaram no Oriente; Moisés transmitiu-a aos hebreus; Orfeu revelou à Grécia os seus mistérios; Pitágoras e Platão adivinharam-na quase. Trata-se da chamada Ciência Pontifical ou Real, porque os seus iniciados eram elevados às alturas dos Pontífices e dos Reis; na Bíblia está ela descrita pelo misterioso personagem Melquisedeque, o pacífico rei e doce sacerdote que não tinha pai nem mãe nem genealogia. Existia por si mesmo como a Verdade. Disseram os iniciados Cristãos que Cristo era o mesmo personagem que esse Melquisedeque e o próprio Jesus parece haver adotado a alegoria ao dizer que já exista antes de Abraão, que o saudara, rejubilando-se à sua luz. Essa ciência dos Pontífices e Reis era nesse sentido chamada de Reino Sagrado, Reino dos Céus, Reino de Deus. Nem todos podem alcançá-lo; ele é acessível apenas às elites da inteligência e é nesse sentido que, segundo o Evangelho, apenas uns poucos são os escolhidos. Essa ciência se esconde por ser perseguida. Zoroastro foi queimado., Osíris retalhado, Orfeu despedaçado pelas Bacantes, Pitágoras assassinado, Só crates (o mestre de Platão) envenenado, os grandes profetas mortos de diversas maneiras, Jesus crucificado, seus apóstolos martirizados; mas a doutrina não morre jamais e, embora desapareça, tem sempre de voltar. É nesse sentido que a Lenda, mais verdadeira do que a História quando sabemos interpretá-la, conta-nos que Elias e Enoque estão vivendo no Céu e voltarão à Terra. É nesse sentido que Jesus ressurgiu dos mortos e que S. João não devia morrer. Essas maneiras de dizer são a essência do Ocultismo. Elas mostram e ao mesmo tempo escondem a Verdade. Aquilo que o iniciado diz é verdadeiro, mas aquilo que o profano compreende é uma falsidade criada para ele. *A Verdade é como a Liberdade e a Virtude; ela não se oferece e tem de ser procurada e conquistada.*

Diz-se que por ocasião da morte do Cristo o pano do Templo se rasgou. Significa isso que a ciência oculta já lá não estava; continuava viva, mas aos pés da cruz do Mestre que morrera. Um apóstolo, aquele que se destinava a permanecer jovem para sempre, tornou-se o segundo filho de Maria e meditou um livro do qual o seu Evangelho não é senão um reflexo e o qual estava fadado a não ser nunca compreendido pela Igreja ortodoxa dos não-iniciados. O Apocalipse de S. João é um novo véu, mais espesso que o de Moisés, porém rico de filigranas, grandioso, esplêndido, desfraldado, para desespero dos usurpadores do Sacerdócio e da Realeza, diante do santuário da Verdade Eterna.

O Apocalipse é um livro inteiramente ininteligível para os não-iniciados por ser um livro da Cabala.

Já explicamos em outras obras o que é a Cabala e indicamos aos leitores inteligentes a chave dos segredos contidos naquele livro sublime.

O autor do Apocalipse não escreve para os crentes comuns, mas para aqueles que sabem, e amiúde repete: "Eis a ciência; aquele que tem conhecimento calcule e encontre o número". Sua filosofia é a da Palavra, vale dizer, da Razão que fala.

Jesus, como todos os grandes Hierofantes, tinha uma doutrina pública e uma secreta. Sua doutrina

pública apenas na moralidade diferia do Judaísmo. Ele pregava a todos a filantropia universal e defendia a Lei de Moisés, ao passo que combatia a influência brutalizante de um sacerdócio hipócrita e piegas. Mas sua doutrina secreta ele a revelou apenas ao seu amado apóstolo que iria revivê-la após a sua morte. Tal doutrina não era nova. Um grande judeu, um iniciado, Ezequiel, a havia desenvolvido perante S. João. Deus na Humanidade e na Natureza, a Igreja Universal dos justos, a emancipação progressiva da humanidade, a adoção da Mulher a ser amada como Virgem, adorada como Mãe, a destruição do despotismo dos Padres e Reis, o reinado da Verdade e da Justiça, a união da Ciência e da Fé, o aniquilamento final dos três odiosos fantasmas: Demónio, Morte e Inferno, os quais S. João atira para sempre num lago de fogo e pez, o estabelecimento definitivo na terra de uma Nova Jerusalém, cidade que dispensa os templos por ser ela própria um templo, onde não se vêem padres nem reis porque todos os habitantes são Padres e Reis, cidade ideal porém exequível onde Liberdade, Igualdade e Fraternidade podem reinar, cidade dos eleitos, dos justos, onde a vil multidão jamais porá os pés, arquétipo da civilização humana. Terra a todos prometida mas acessível apenas aos eleitos, não por privilégio mas pelo trabalho, não pelo capricho de um ídolo mas pela justiça de Deus.

Esse é o ideal da sabedoria.

PARADOXO V

A RAZÃO É DEUS

Isto deve ser posto primeiro. Antecede a tudo: é auto-existente, existe até mesmo para aqueles que o não conhecem, como o Sol para o Cego, mas vê-lo, senti-lo, compreendê-lo, esse é o triunfo da compreensão no homem; é o resultado definido de toda a obra do pensamento e de todas as aspirações da Fé.

No princípio está a Razão, a Razão está em Deus, e Deus é a Razão. Tudo é feito pela Razão e sem ela nada é feito. Ela é a verdadeira luz que nos ilumina desde o berço: brilha até mesmo na escuridão, mas a escuridão não a encerra.

Estas palavras são o oráculo da Razão propriamente dita e ocorrem, como todos sabem, no começo do Evangelho de S. João.

Sem a Razão nada existe; tudo tem a sua razão de existir; até mesmo a irracionalidade, que está para a razão assim como a sombra está para a luz.

O crente razoável é aquele que acredita numa razão maior do que o conhecimento; pois a razão, ou para sermos mais corretos, o raciocínio de cada um, não é sabedoria absoluta.

Quando arrazoo mal, deixo de ter razão; não é, portanto, a razão que devemos pôr em dúvida, mas a nossa própria capacidade de julgamento.

Devo de bom grado recorrer àqueles que sabem mais do que eu, mas mesmo então é preciso que me assista razão para crer na sua superioridade.

Conjecturar ao acaso aquilo que não sabemos e depois acreditar cegamente nas nossas conjecturas, ou nas de outras pessoas que sabem mais do que nós, é agir como loucos. Quando nos dizem que Deus exige o sacrifício da nossa razão, isso equivale a transformar Deus no ídolo despótico e ideal da loucura.

A Razão traz convicção, mas a crença apressada produz apenas enfatuamento.

È deveras razoável acreditar em coisas que não se vêem, tocam ou medem, pois o infinito

manifestamente existe, e nós podemos dizer não apenas que acreditamos, mas também que sabemos existirem muitas coisas além do nosso alcance.

Sendo o conhecimento progressivo, é-me lícito acreditar que um dia saberei aquilo que hoje ignoro. Não tenho quaisquer dúvidas com relação àquilo que conheço cabalmente; talvez duvide daquilo que sei de forma apenas imperfeita, mas não posso em absoluto ter dúvidas com relação a alguma coisa de que nada sei, já que me é impossível formular tais dúvidas.

Aquele que diz não haver Deus, sem ter definido Deus de uma forma completa e absoluta, está simplesmente sendo tolo. Aguardo a sua definição e, depois que ele a houver formulado à sua maneira, estou de antemão seguro, poderei dizer-lhe: Concordo, esse Deus não existe. Mas com certeza não será o meu Deus. Se a pessoa me pedir: Defina o seu Deus, eu lhe direi: Cuidarei de não fazê-lo, pois Deus definido é Deus preterido. Toda definição positiva é contestável, o Infinito é indefinível. "Acredito tão-somente na matéria", dirá outro; mas o que é matéria? Em cirurgia reserva-se esse nome para as excreções e pode-se dizer, um tanto paradoxalmente, que em filosofia matéria é a excreção do pensamento. Os materialistas bem merecem essa definição algo grosseira e carnavalesca, eles que declaram o pensamento uma excreção do cérebro material, sem se dar conta de que esse admirável e passivo instrumento do funcionamento da alma humana é a obra-prima de um pensamento que não é o nosso.

Se me fosse possível definir Deus de uma forma certa e positiva, eu deixaria de acreditar em Deus; saberia o que ele é; mas não sendo capaz de sabê-lo, acredito simplesmente na sua existência, porque não me é possível conceber a ausência de um pensamento diretor nesta substância eternamente viva que povoa o espaço infinito

Se os crentes nas Religiões exclusivas me disserem que Deus se revelou e falou, eu lhes responderei que não creio nisso, mas sei ser assim. Sei que Deus se revela ao coração humano nas belezas da Natureza; sei que ele falou nas vozes de todos os sábios e nos corações de todos os justos. Leio suas palavras nos hinos de Cleantes e Orfeu, bem como nos Salmos de Davi; admiro as páginas grandiosas dos Vedas e do Corão e acho a lenda de Krishna tão comovente como um evangelho, mas revolto-me contra Júpiter torturando Prometeu e servindo de pretexto à morte de Sócrates. Tremo ao ouvir o Cristo, em seus derradeiros suspiros, censurar Jeová por havê-lo abandonado e escondo o rosto com as mãos quando Alexandre VI se pretende representante de Jesus Cristo. Os carrascos e algozes da consciência humana são tão odiosos para mim sob o reinado de Pio VI como sob o de Nero. *A verdadeira religião Cristã são a humanidade, sobre-humana na força de perdoar, e o sacrifício do ego em prol dos outros.*

Os Deuses aos quais se sacrificam homens são Demónios. A Razão deve banir para sempre a adoração desses Demónios; e o ídolo do Diabo, que se tornou ridículo por sua causa, é uma monstruosidade. Aqueles que acreditam no Diabo adoram o Diabo, pois adoram o seu criador ... e cúmplice. Já dissemos que o Deus do Diabo, que desaprova o Diabo e ainda assim lhe permite trabalhar para a nossa destruição, é uma horrível ficção da maldade e covardia humanas. Um Deus do Diabo visto às avessas seria um Diabo de Deus. Assim nos diz a razão, mas a superstição continuaria nos impondo silêncio e por isso numerosas pessoas, com bons motivos, deixam, conquanto lastimando-os, Deus e o Diabo aos supersticiosos, passando a não crer em mais nada.

Mas até mesmo a superstição tem a sua razão de ser nas infinidades do intelecto humano. O Clero conseguiu fazer dela uma força, impondo-lhe a mais cega obediência. Se retirarmos a superstição de determinadas almas, tacanhas porém ardentes, nós as transformaremos em impiedosos fanáticos. É preciso mesmo restringir os tolos à sua tolice, uma vez que eles não têm vontade de ser sábios.

Ensinamos moral às crianças contando-lhes fábulas e as babás cuidam de não esclarecê-las quando elas estão com medo do Bicho-Papão. É verdade que algumas mães mais realistas ameaçam seus

filhos com o lobo ou o soldado, mas nem lobo nem soldado podem estar em toda parte, e a criança, convencida da sua ausência, irá rir da ameaça, ao passo que o Bicho--Papão, jamais visto em parte alguma, supõe-se, tal qual o Demónio, estar em toda parte, e a criança é levada a acreditar nele, por tratar-se de uma ficção, uma ilusão poética, uma fábula — em suma, alguma coisa que toma conta da imaginação; e a imaginação, poderosa nos homens, é máxima nas crianças.

O Bicho-Papão é o Demónio das crianças, da mesma forma pela qual o Demónio da Idade Média era o Bicho-Papão dos homens.

Ademais não existe ficção que não funcione como disfarce ou máscara para uma realidade. O Bicho-Papão existe e logo a criança irá conhecê-lo na pessoa de algum pedante de voz áspera e bengala manejada com certa elegância.

Depois lhe falarão de Deus e do Diabo em termos que facilmente levarão a confundir um e outro. Poderá ela ainda dar-se por satisfeita com o desfecho do drama de João-Bobo? João-Bobo fê-la rir, o Diabo queria fazê-la chorar; não seria de desejar que no fim João-Bobo, tão amiudadamente levado pelo Diabo, não se encarregasse ele próprio de levar consigo o Diabo? Isso seria uma questão de temperamento e audácia.

Os antigos hierofantes afirmavam que o maior dos crimes seria receber as multidões para iniciação, pois seria o mesmo que soltar os lobos, abrir o cercado dos tímidos gamos, e mergulhar todos os homens numa batalha cruenta sob o pretexto da igualdade.

Jesus Cristo recomendou aos seus discípulos não atirar pérolas aos porcos. Os Pedreiros-Livres ainda hoje em dia juram preservar até a morte segredos cuja posse já não desfrutam. A igualdade entre os homens só pode existir por meio de graus Hierárquicos; não pode jamais ser absoluta porque a Natureza assim não quer. Tem de haver grandes e pequenos, de modo que os homens possam ajudar-se e necessitar-se mutuamente.

Nada é mais difícil para os homens comuns do que viver segundo a razão e fazer o bem pelo bem. Seu motivo é quase sempre o desejo ou o medo, e é a esperança ou temor que sempre os conduz. Ademais, é preciso que eles sejam contidos para não resvalar para a inércia e para a desordem. Eles marcham melhor quando formados em regimento; o monge e o soldado dão-se bem quando submetidos a uma férrea disciplina; é através da austeridade e do silêncio que a inconstância da mulher desaparece. Talvez um homem viva corajosamente como Trapista, quando sua tendência seria a de tornar-se um assaltante, não fosse o seu anseio do Paraíso e o seu medo do Inferno. Será ele um homem melhor por isso? Talvez não, mas, sem dúvida alguma, é menos perigoso para a Sociedade.

Ê muito bom dizer a verdade aos homens, mas eles não a compreendem a menos que já a tenham procurado por si próprios e chegado quase a descobri-la. O mundo de Tibério queria expiações e austeridades. A era dos Platónicos e Estóicos, de Sêneca e Epíteto, estava condenada a adotar a Moral Cristã. Virgílio parece cantar junto da manjedoura do Homem-Deus e os livros Proféticos prometiam Cristo à Terra!

Lutero não foi movido pelo seu próprio antagonismo a Roma; foi despertado e impellido por uma corrente que tomava conta de toda a Europa. Voltaire não fez o século XVIII, foi o século XVIII que fez Voltaire. O reinado de Madame de Maintenon e os escândalos do Janseinismo haviam enojado e cansado a França em grau máximo; as funéreas orações de Bossuet pareciam haver enterrado a Monarquia Cristã e seguiram-se Cardeais como Bernel e Dubois. Voltaire ria-se de tudo e fazia rir as pessoas. Rousseau, no entanto, via ali algum mérito, e as pessoas a um só tempo o admiravam e perseguiam, porque no seu íntimo o mundo era como o pensador o julgava. Os Revolucionários proscreveram Rousseau e o bom senso do país colocou-se ao lado de Chateaubriand, não deixando, contudo, de aplaudir a malícia Voltairiana de Beranger: é o

progresso que coloca em destaque os grandes homens, e o mundo erroneamente lhes atribui o movimento que os trouxe à baila.

A Revolução Francesa mostrou ao mundo um espetáculo estranho e ridículo, ao inaugurar a adoração da Razão, personificada por um dançarino de ópera. Poder-se-ia imaginar que a nação estava escarnecendo de si própria e desejava patentear para as demais nações que a razão dos franceses é quase sempre a loucura.

Foi então que Robespierre, para derrubar essa Razão indecente, inventou o seu Ser Supremo, mas a opinião pública não ratificou a modificação; Deus foi lembrado e viu-se que a Revolução estava dando uma guinada. Bonaparte, que veio a seguir, compreendeu que a Religião não estava morta, mas Religião para ele só poderia ser a Católica, em outras palavras, autoritária; ele reabriu as Igrejas e tentou deitar a mão ao papa, mas o papa, juntamente com o mundo, esquivou-se.

A Razão da Religião é superior à razão da Política porque é apenas na Religião que o direito prevalece sobre a força. Pois o direito de ser inviolável tem de ser proclamado como Divino. Direito e Dever situam-se acima do homem; Deus salvaguarda o primeiro impondo ao homem o outro; Deus é a Suprema Razão.

Um corpo não pode viver sem cabeça e a cabeça do corpo social é Deus. Um corpo muda mas não morre, se a sua cabeça for imortal. Deus é a Verdade e a Justiça que nunca mudam; por essa razão deve o Estado ceder ante as razões religiosas. A Igreja é o protótipo da Pátria; é a Pátria Universal, e a unidade do mundo Cristão é algo mais grandioso do que a unidade nacional da Alemanha ou da Itália.

A força moral é superior à força física e o poder espiritual pode mais que o temporal. Se S. Pedro não houvesse desembainhado a espada, Jesus jamais lhe teria dito: "Quando fores velho estenderás as mãos e alguém te arrastará consigo, quer queiras quer não". O Rei da Itália tomou Roma do Santo Padre, porque S. Pedro tomou pela força a orelha de Malco. Malco ou homem significa em hebreu o rei. Seja como for, a capital do mundo Cristão não deveria pertencer com exclusividade à Itália. O supremo representante da Divina Humanidade deveria ser um padre que abençoa e um rei que perdoa. É o que nos diz a razão e, se o papa acredita que um pai de família deve ser infalível para os seus filhos, que o cabeça da religião não deve ter relações com o que é irreligioso; que a liberdade de consciência não deve ser permitida; se ele se acredita a si mesmo na obrigação de pôr a sociedade de pernas para o ar; se protesta, em suma, contra tudo aquilo que lhe parece contrário ao dogma, então, pondo-se de parte o aspecto justeza da questão, o papa está cem por cento certo! Depois das paixões, o maior inimigo da razão humana são os preconceitos. Nós não examinamos como são as coisas; simplesmente desejamos que elas sejam desta ou daquela forma. Nós nos recusamos a mudar de opinião porque isso humilha o nosso orgulho, como se o homem nascesse infalível e não precisasse de instruir-se e aperfeiçoar-se dia por dia. "Quando eu era criança", disse S. Paulo, "falava como criança, entendia como criança, pensava como criança; mas quando me tornei homem, deixei de lado as coisas infantis". Proclama aqui o apóstolo a lei do progresso, chegando mesmo a aplicá-la à Igreja, mas isto os teólogos se negam obstinadamente a reconhecer. Devemos desconfiar tanto dos preconceitos devotos quanto dos ímpios. A verdadeira piedade é essencialmente independente, mas se submete razoavelmente às leis e aos costumes, quando não tem esperança — e até mesmo quando tem apenas uma leve esperança — de modificá-los.

Jesus não queria que se apanhasse o joio nos trigais, em virtude do risco de arrancar ao mesmo tempo o trigo são; queria que se esperasse a colheita para depois separar o grão da praga. Estamos numa época de conclusões e sínteses, na qual a crítica deve estabelecer uma distinção entre o verdadeiro e o falso. Não estamos vivendo uma dessas épocas em que se deve acarinhar preconceitos. Não obstante, não devemos ser duros com as pessoas que os alimentem. Mostremos, com brandura e paciência, a verdade, e as falsidades cairão por si.

Os preconceitos são vícios da mente; decorrem eles da educação, da ignorância ou da indolência espiritual, dos interesses da posição, reputação ou fortuna. Estamos sempre prontos a acreditar na veracidade daquilo que nos agrada; os mais nobres sentimentos, até mesmo quando exagerados, tornam-se fontes de preconceitos; o amor da família gera o orgulho e a intolerância da casta; o amor da pátria dá lugar à arrogância nacionalista; as pessoas pensam em si mesmas como francesas ou inglesas ao invés de seres humanos; os entusiasmos religiosos conduzem apenas a outros numerosos excessos. As diferente épocas se desprezam, condenam e execram entre si; os Cristãos são cães para os Muçulmanos, os Judeus são criaturas obscenas para os Cristãos, os Protestantes são Hereges, os Católicos são Papistas . . . Onde os homens razoáveis?

A Razão é como a Verdade; nua, ela nos choca.

Ter muita razão é não ter razão. A Razão deve persuadir e não impor-se. Pouco poder tem ela sobre as crianças e pouco atrativo para as mulheres.

A Razão é uma força, mas força oculta; tem de governar sem se mostrar.

Ê preciso uma mente poderosa e firme para o cultivo, sem riscos, das ciências ocultas, e, acima de tudo, para realizar as experiências que confirmam suas teorias; o magnetismo, a adivinhação e o espiritualismo continuam a povoar os hospícios, e a Filosofia Hermética poderá acrescentar ainda novas vítimas. Os indivíduos mais proficientes nessas ciências tiveram seus momentos de aberração. Apolônio de Tiana fez lapidar um mendigo a fim de conter uma epidemia. Paracelso acreditava ter um espírito afim oculto no punho da sua espada. Cardan matou-se de fome para justificar a Astrologia. Duchentau, que reconstruiu e completou o calendário mágico de Ticho-Brahne, também teve morte horrível ao tentar uma experiência extravagante. Calioistro comprometeu-se seriamente no caso do colar da Rainha e foi morrer nos calabouços de Roma. O interior da arca não pode ser devassado impunemente e todos quantos se atrevem a fazê-lo correm o risco de ser fulminados por um raio.

Não estou falando no medo, na inveja, no ódio do vulgo que por toda parte perseguem o Iniciado incapaz de esconder os seus conhecimentos. Os verdadeiros sábios furtam-se a esse perigo. O Abade Tritêmio viveu e morreu em paz, ao passo que Agripa, seu imprudente discípulo, terminou prematuramente num hospital uma vida de desassossego e tortura. Agripa antes de morrer blasfemou contra a Ciência, assim como Brutus entre os Filipos havia blasfemado contra a Virtude, mas a despeito do desespero de Brutus, Virtude é mais do que um nome vazio, e, a despeito do pessimismo de Agripa, a Ciência é uma Verdade.

Hoje em dia as ciências ocultas são pouco estudadas, salvo por presunçosos ignorantes ou excêntricos sábios; as mulheres fornecem a devida base, em suas crises histéricas e no seu discutível sonambulismo. As pessoas querem, acima de tudo, prodígios; atirar os dados da Sorte, embaralhar as cartas do Destino, ter filtros e amuletos, enfeitiçar os inimigos, adormecer maridos ciumentos, descobrir a panaceia universal de todos os vícios, não reformá-los, mas livrá-los das duas grandes moléstias que os matam — decepção e lassidão — fomenta tais coisas, e o caminho da loucura logo se abre para as pessoas. Se o imprudente Aquiles de Homero fosse totalmente invulnerável, ele não teria passado de um covarde assassino, e o homem que no jogo ganhasse sempre arruinaria todos os outros e mereceria a pecha de trapaceiro. Aquele que por um simples ato de vontade fosse capaz de fazer adoecer ou morrer os outros seria uma calamidade pública da qual a Sociedade deveria livrar-se; conquistar o amor, a não ser por meios naturais, é praticar uma espécie de violação; invocar sombras é chamar sobre si as Sombras Eternas. Para lidar com demónios é preciso ser um demónio. O Diabo é o espírito do Mal, a corrente fatal das vontades pervertidas e malignas. Entrar nessa corrente é mergulhar no abismo. Ademais, o Espírito Mal só responde a uma curiosidade temerária e insalubre. As visões são fenómenos da dipsomania e do delírio. Ver espíritos? Mera quimera! seria o mesmo que tocar na música e engarrafar os pensamentos. Se os espíritos dos mortos se afastaram do nosso meio é porque já não podiam aqui

permanecer. Como pensar que eles podem voltar?

Dir-se-á então: "Mas qual é a utilidade da magia?" Ela capacita os homens a melhor compreender a Verdade e a desejar Deus de uma forma mais saudável e efetiva. Ela ajuda a curar as almas e a consolar os corpos. Ela não confere o poder de praticar impunemente o mal, mas eleva o homem acima dos apetites animais. Ela torna o homem inacessível às agonias do desejo e do medo. Ela constitui um centro de irradiação divina, espantando os fantasmas e a escuridão, pois sabe, deseja, pode e assegura a paz. Essa é a verdadeira magia, não a magia dos Necromantes e Ilusionistas, mas a dos iniciados e dos Magos.

A verdadeira magia é uma força científica colocada a serviço da Razão. A falsa magia é uma força cega somada aos desatinos e às desordens da Loucura.

PARADOXO VI

A IMAGINAÇÃO CONCRETIZA AQUILO QUE INVENTA

Olhai! A grande maga do universo!

É ela que faz a memória frutificar, que concebe de antemão o Possível e até inventa o Impossível. Para ela os milagres nada custam. Ela transporta pêlos ares casas e montanhas, põe baleias no céu e estrelas no mar, oferece o paraíso aos to-madores de ópio e hachiche, enseja reinos aos bêbedos e faz Perette dançar de alegria debaixo de um balde de leite. Assim é a Imaginação.

É à Imaginação que devemos a poesia e os sonhos; é ela que adorna as fábulas e símbolos nos véus dos Grandes Mistérios. Ela inventa as histórias infantis e as lendas camponesas. Ela faz Deuses trovejantes e anjos exterminadores surgirem sobre as colinas, bem como produz Alvas Donzelas e Virgens junto das fontes. Ela faz predições que são amoldadas aos fatos ou reinterpretadas quando não se realizam. Ela é nutriz da Esperança e cúmplice do Desespero. Ela doura a auréola dos Santos e bronzeia os cornos do Demônio. Ela cura e mata, salva a alguns e condena a outros; é casta como a Virgem e impura como Messalina. Ela cria entusiasmo e dilata, até quase o impossível, o império da Vontade. Ela cria uma crença na felicidade e dá felicidade, na medida em que o sonho dura.

A imaginação é o cristalino da mente. Ela refrange os raios dos nossos pensamentos e amplia as imagens das nossas percepções. O âmbito da nossa visão é tão pequeno que para ver direito neste acanhado mundo é preciso que vejamos as coisas maiores do que na natureza.

As pessoas destituídas de imaginação jamais chegam a realizar alguma coisa grandiosa, pois tudo se lhes mostra em proporções mesquinhas. O astrônomo contempla o universo e imagina o Infinito; o crente contempla a Natureza e imagina Deus. Na verdade, a Imaginação é maior que o Pensamento. A Ciência está inundada de Fé e sem Fé a Ciência seria incerta.

O que é a Álgebra senão a Imaginação da Matemática pura, e o que é a Cabala senão a Álgebra das Ideias? A Imaginação dos Cabalistas transformou a Filosofia numa Ciência exata, ligando ideias e números; a Ciência das Analogias é inteiramente uma Ciência da Imaginação e as grandes nações não são senão conglomerados de frios entusiastas que imaginam a glória com empenho.

As imaginações coletivas conseguem os resultados do microscópio solar. Os heróis, de modo especial, tornam-se maiores depois da morte e as ficções das opiniões colocam em soberbos pedestais os vultos mais destacados da história. Quem jamais saberá ao certo a exata grandeza de Alexandre Magno ou de Napoleão I? Marat e Napoleão eram dois homens pequenos, enérgicos e sedentos de fama; o primeiro desejava libertar o mundo que o segundo se propunha escravizar; o primeiro desejava um riacho de sangue, o segundo fez correr rios de sangue e a seguir legou-nos

duas invasões, o reinado de seu sobrinho e espantosas catástrofes; o primeiro é execrado, o segundo adorado; para o primeiro a forca, para o outro o arco do triunfo; ambos são exageros — um da infâmia, outro da glória.

Isto porque Marat, mais desinteressado e de íntimo mais sincero que Napoleão I, foi um vociferante Tribuno, enquanto Napoleão foi um homem de génio, vale dizer, um déspota da imaginação humana. Isto porque a poesia das nações prefere os crimes esplêndidos às virtudes tacanhas, porque a máscara de Marat é um ricto que provocaria riso se não causasse horror, ao passo que a medalha de Napoleão é uma majestade que se impõe à adoração da posteridade. Trata-se de razões concludentes.

Se a imaginação encontra um ponto de apoio real, esse é a alavanca de Arquimedes; sem uma base real, ela não passa de um bordão no qual apenas os tolos confiam.

Baseando-se em hipóteses razoáveis e científicas, Cristóvão Colombo imaginou a América, ousou fazer-se ao mar para descobri-la e encontrou-a. Quando se sabe e quando se quer, deve-se ter a coragem de ousar.

A Imaginação é a Força Criadora. Deus é a Imaginação da Natureza. A Imaginação tem os seus sonhos e os seus pesadelos, o que não impede que a sua epopeia seja gloriosa. Os arquitetos da Idade Média delinearão o seu perfil em magníficas catedrais, onde as gárgulas, os consolos entalhados e a ornamentação florida concorrem para pôr em relevo as linhas puras das ogivas e a placidez dos Santos. Aqueles grandes artistas haviam adivinhado o enigma do bem e do mal; eles compreendiam a luz e as sombras.

É a imaginação que opera milagres; através de um ato de sua imaginação um punhado de crianças do campo faz que igrejas sejam erguidas do chão e abalem populações inteiras; atente-se para as peregrinações a Lourdes e La Salette. Através da imaginação Josué deteve o Sol e fez ruir as muralhas de Jericó ao som de suas trompas; através da imaginação o pão torna-se Deus e o vinho do cálice se transforma em sangue imortal, e nós não cuidamos de dizer, como bem se pode imaginar, que não é assim; mas assim é, pois assim imaginamos, em obediência à palavra e à Fé de Cristo.

A Imaginação cura os doentes e faz a fortuna de muitos médicos de renome; cria a homeopatia da qual tantos crentes obtêm benefícios; faz mesas falarem e dita aos médiuns, de cambulhada, páginas e mais páginas de matéria erudita juntamente com a mais crassa ignorância, orações e pragas. A Imaginação coloca chifres em Moisés e nos maridos traídos, fazendo o primeiro parecer o Demónio e os últimos verdadeiros touros furiosos quando não bois pacientes e suaves. A Imaginação amplia a sabedoria, exagera a loucura, exige demais da verdade, faz a falsidade parecer verdadeira; e ao mesmo tempo não há falsidade para a imaginação; tudo quanto esta afirma é verdadeiro como poesia: e pode lá a poesia dizer-nos mentiras? Aquilo que a imaginação inventa ela cria, e tudo aquilo que cria existe. Imaginar a verdade é adivinhar, adivinhar é exercer o poder Divino. Em latim chama-se ao homem que adivinha de *divinus*, vale dizer homem Divino, e o poeta é denominado *vates*, vale dizer, profeta.

A Fé tem por objeto apenas as adivinhações daqueles que imaginam as Verdades Eternas. Moisés imaginou Jeová e uma nuvem surgiu sobre o tabernáculo. Salomão imaginou o templo universal e esse templo, sucessivamente destruído pelos assírios e pelos romanos, permanece ainda hoje sob o nome de S. Pedro de Roma. Alexandre imaginou a unidade entre as nações, quase concretizada sob Augusto e mais tarde imaginada de novo por Pedro o Grande e Napoleão I, cujos antagonismos continuam mantendo em equilíbrio o mundo.

A Imaginação é o eterno motivo dos amores intempestivos. Via de regra, é através da imaginação que as mulheres impressionáveis e nervosas são conquistadas. Amiúde, basta a um homem ser

estranho ou até mesmo horrível para ser amado. O Marquês de Sade, Mirabeau, Marat e outros foram amados; Cartouche e Mandrin o haviam sido antes. Mulheres do mundo haviam caído por Lacenaire e sabe-se que na prisão Trop-pmann costumava receber cartas amorosas. Os D. Juans e Lovelaces devem à sua má fama boa parte dos seus sucessos; aos senhoriais Barbazuis jamais faltam vítimas e é particularmente quando os Lanciotos sacam dos punhais que as Francescas adoram provar o fruto proibido. Aquilo que de forma mais poderosa excita a imaginação, e conseqüentemente o desejo, é o perigo; daí -o Deus da Bíblia, desejando que a mulher se tornasse mãe, havê-la proibido terminantemente de tocar o fruto que a faria ceder ao amor.

Na verdade, apenas quando tiveram conhecimento de que estavam condenados a morrer, o homem e a mulher cuidaram de providenciar herdeiros, A Morte ara o solo do Amor, e ali o Amor semeia o grão destinado a desabrochar na Colheita da Morte. É proibido sob pena de morte entrar na Vida, pois todos ao nascer são condenados a morrer. Esse é o significado do pecado original do qual só temos culpa nas pessoas dos nossos pais, recuando no tempo através de todos eles até chegarmos aos primeiros. O pecado do nascimento é consequência do pecado do Amor, que a Natureza finge sempre proibir à humanidade a fim de incentivá-la a desejá-lo.

A Imaginação é o Pégaso dos poetas, o Hipogrifo dos Paladinos, a águia de Ganimedes e a pomba de Anacreonte; é o carro de fogo de Elias e o anjo que carrega consigo os profetas, arrastando-os pelos cabelos. É o querubim munido de uma chamejante torquês cauterizando a gagueira nos trémulos lábios de Hai, o misterioso Proteu que precisa ser impressado nos domínios da razão a fim de obrigá-la a assumir forma humana e dizer a verdade.

Assim como há um calor latente que determina a polarização molecular dos corpos, assim também existe uma luz latente que se manifesta em nós por meio de uma espécie de fosforescência interna. É ela que ilumina e dá cor aos fantasmas das nossas visões e dos nossos sonhos e nos exhibe, na ausência absoluta de luz externa, espantosas imagens fotográficas. É por meio dessa luz que lemos na memória da natureza ou no reservatório geral das impressões e formas os germes rudimentares do Futuro nos arquivos do Passado. O sonambulismo é um estado de imersão do pensamento nessa luz invisível para os olhos despertados, nesse banho universal, no qual estão refletidos todos os pressentimentos e todas as recordações e no qual as mentes e as inteligências se interpenetram. Por essa forma pode uma pessoa adivinhar, traduzir e explicar as ideias de outra. É por essa forma que o cérebro de uma pessoa torna-se como que um livro aberto para outra. As maravilhas do sonambulismo lúcido não têm outra causa e são explicadas por uma série de miragens e reflexões. *A luz interior tem a mesma relação com a luz externa que tem a eletricidade negativa com a positiva*, e é por isso que os fantasmas aparecem de preferência à noite e que os feiticeiros precisam da escuridão para praticar seus pretensos milagres; é por essa razão que os espíritos e os médiuns não podem produzir seus fenômenos característicos diante de quaisquer pessoas; precisam de um pequeno grupo de simpatizantes, predispostos à influência contagiante daquela fosforescência interior que faz ver e sentir coisas que não são visíveis nem sensíveis para outros. A pessoa é então lenta e progressivamente penetrada pela vida do sonho; a mobília se desloca, canetas escrevem sem ser tocadas, homens erguem-se do solo e pairam suspensos no ar. Então as realidades ficam loucas e as loucuras tornam-se reais; os videntes são insensíveis à dor. Os possuídos de St. Medard imploravam que fossem surrados com achas de madeira e barras de ferro; os sonâmbulos encontram na água pura os mais variados paladares que o hipnotizador lhes sugere. Mortos aparecem, mãos sem corpos vêm-nos tocar; mas basta que um homem são, ou um homem sem simpatia pelo meio, entre, e os oráculos se calam, as mãos desaparecem, a mobília pára de dançar, tudo volta à ordem natural e os componentes do grupo ficam estremunhados como se estivessem sendo subitamente arrancados ao sono.

Essa luz dos sonhos, que podemos chamar de luz escura ou negra, existe independentemente do Sol e das estrelas, tal qual a luz dos pirilampos; ela nunca se mistura com a luz externa visível, mas pode deixar marcas no cérebro — transitórias no alucinado, e permanentes no demente. Os organismos nervosos congestionados de luz negra tornam-se imãs mal regulados e produzem por

vezes atrações e pressões sobre os objetos inertes, cujos resultados parecem maravilhosos, particularmente quando ampliados e multiplicados, coisa que quase sempre acontece, pela imaginação complacente dos espectadores; pois a credulidade sempre endossa de bom grado os milagres. As mentes fracas têm inclinação natural para o maravilhoso e não é fácil desiludi-las quando elas insistem em se deixar enganar.

Jamais se fez um milagre em benefício da ciência e da razão; jamais se consumou um milagre na presença de pessoas sensatas e cultas. Fenômenos estranhos reduzidos à expressão mais simples podem despertar a curiosidade e estimular a investigação dos homens de ciência, mas de forma alguma podem demonstrar a intervenção de seres sobrenaturais.

De fato, Deus apenas é sobrenatural no sentido de que é o Senhor da Natureza. Tudo o que não é Deus enquadra-se necessariamente na ordem, da Natureza.

Precisamos ignorar simultaneamente todas as Leis da Natureza e todas as regras de exegese, a fim de aceitar literalmente e no seu significado natural as expressões Dogmáticas e Sacramentais das Escrituras e dos Concílios. Assim sendo, a Fé nos ensina que no Sacramento da Eucaristia ocorre uma transubstanciação. Será natural essa transubstanciação? Claro que não; ela é misteriosa e sacramental. Pode-se substituir uma substância por outra, mas uma substância não se transforma em outra; trata-se sempre da mesma substância, amalgamada ou modificada. A Química decompõe e recompõe os corpos, mas não transforma uma coisa em outra, pois, nesse caso, as duas coisas ao mesmo tempo existiriam e não existiriam.

Para transformar literal e inteiramente a água em vinho seria necessário aniquilar a água e criar o vinho — dois absurdos. Pois nada pode ser aniquilado e o vinho não pode ser criado sem uvas.

Evaporar a água e substituí-la por vinho seria apenas uma manobra de prestidigitação e não uma alteração de substâncias. O pão pode transformar-se em peixe e o vinho em sangue, mas somente através dos processos da assimilação e não através da transubstanciação. Essas expressões dogmáticas têm, portanto, que ficar restritas aos domínios do Dogma e dos Símbolos. Tomadas cientificamente e no seu sentido natural, não passam de absurdos. O Dogma é a fórmula de realidades imaginárias. Note-se que dizemos realidades e não ficções. As afirmações do Dogma são realidades para a Fé, mas são imaginárias, pois só podemos concebê-las através da imaginação, uma vez que elas escapam à análise da Ciência e da Razão.

È apenas a Imaginação que realiza todos os milagres. O que é, de fato, um milagre? É um fenómeno excepcional de causa desconhecida. A Ciência cala-se então e deixa que a Imaginação fale, e esta trata desde logo de inventar e asseverar uma causa totalmente fora de proporção com o efeito. A multidão aceita tal assertiva como um evangelho, e o milagre é incontestável. Mas as pessoas instruídas sabem que os milagres da Bíblia são exageros orientais

Moisés tirou partido das marés enchente e vazante — Josué encontrou um vau no Jordão; ele costumava romper as muralhas de Jericó por meio de um explosivo cuja fórmula era propriedade dos Sacerdotes; e os poetas nos contam que o mar se abriu, que o Jordão inverteu o seu curso e que as muralhas caíram por si. O mesmo se dá com o Sol, detendo o seu curso a fim de assinalar um dia de uma grande Vitória.

Não lemos nos Salmos de Davi que as montanhas saltaram como corças e as colinas como carneiros? Será preciso tomar tudo ao pé da letra? O mesmo poeta acrescenta que as pedras se transformaram em piscinas e as rochas em fontes. Haverá aí uma transubstanciação? Alegam os teólogos que é preciso tomar literalmente as palavras de Jesus Cristo quando ele diz do pão: "Este é o Meu Corpo", e do vinho: "Este é o Meu Sangue", mas então é igualmente necessário toma-lo literalmente quando diz: "Eu sou a videira... vós sois os galhos". Seria Jesus Cristo verdadeiramente uma videira?

Será preciso acreditarmos que o conhecimento do bem e do mal era de fato uma árvore e que os amargos frutos dessa árvore de tronco duplo que produz a vida e a morte fossem pêssegos e maçãs? A serpente do Éden e a burra de Balaão seriam realmente falantes? As pessoas deixarão de formular tais perguntas quando aqueles que pretendem ensinar os outros deixarem de ser estúpidos como selvagens.

Um bom senso imperturbável aliado a uma poderosa Imaginação constitui aquilo a que se chama Génio. O homem que possui ambas as qualidades pode tornar-se inteiramente independente e exercer uma influência real sobre o rebanho humano. Ele criará para si, se assim o desejar, servidores e armVos, a menos eme torne o seu génio subserviente a alguma fraqueza secreta ? É possível ter bom senso dogmático sem possuir senso prático. Grandes homens tornam-se amiúde suas próprias vítimas; eles amam a glória da mesma forma pela qual Orfeu amava a sua companheira; e vão procurá-la por toda parte, inclusive no Inferno, e se voltam no momento errado para verificar se a sua Eurídice vem atrás. A verdadeira glória ninguém no-la pode arrebatá-la; ela consiste no mérito e não no aplauso da multidão; ela não teme os caprichos do Destino, pois nada deve ao acaso; ela não ama nem o tumulto nem o estardalhaço; é no silêncio da Terra que gozamos a paz do Paraíso.

PARADOXO VII

A VONTADE CONSEGUE TUDO AQUILO QUE NÃO DESEJA

O Príncipe Sakyamuni, que foi chamado Buda, disse que todos os tormentos da Alma Humana se originaram no medo ou no desejo; e concluiu com duas frases que podemos traduzir assim:

Nada desejes então; nem mesmo a Justiça; cedo ou tarde o céu irá realizá-la.

O Nirvana não é aniquilamento; é, na Ordem da Natureza, o grande apaziguamento.

Querer sem temer e sem desejar é o segredo da vontade Onipotente.

Deus nada teme; ele sabe que o mal não pode triunfar, e nada deseja; ele sabe que o bem se realizará, mas deseja que a verdade se pratique, por se verdadeira, e que a justiça se consuma, por ser justa.

A Magia deve querer aquilo que o Mago quer.

Este quer a beleza da natureza, as quais desfruta em sua plenitude, pois nunca abusa delas. Quer as fontes recamadas de flores, as rosas desabrochando em sua beleza, as crianças felizes e as mulheres amadas.

O Mago quer que os homens se ajudem mutuamente, encorajem os jovens e ajudem os velhos.

Ele quer que o bem eterno triunfe sobre o mal passageiro, e participa, paciente e pacificamente, da obra da Sociedade e da Natureza.

Ele quer ordem, quer razão, quer bondade, quer amor, e trabalha com todas as suas forças em prol daquilo que quer, conquistando com isso a imortalidade e a felicidade.

Nada desejando, ele é rico; nada temendo, ele é livre; querendo apenas aquilo que deve querer, ele é feliz. Disse um poeta a respeito de Deus: "Para Ele, querer é criar; existir é produzir."

O mesmo podemos dizer do Mago — desejar o bem é fazer o bem, e nenhuma existência é estéril.

Jó, estendido em seu esterqueiro, conseguiu uma coisa sublime. Deu paciência ao mundo.

Todo sofrimento consiste em dar vida a alguma coisa; a pobreza produz a riqueza, a doença a saúde, o cativo a liberdade, a punição a expiação e o perdão; as lágrimas são a semente da alegria. A morte nutre a vida. Para aquele que sabe e ama, tudo é esperança e felicidade.

Fortuna, honrarias e prazeres, eis o que a maioria dos homens deseja, sem sonhar jamais que os prazeres são a ruína da fortuna e da honra; que a riqueza produz a saciedade e uma aversão aos prazeres, e que as honrarias são com demasiada frequência compradas com a baixeza.

Quantas decepções aguardam esses homens! O mendigo estima a miséria, o debochado deprava seus sentidos e mata seu coração, e o ambicioso, julgando escalar o Capitólio, encontra apenas o Rochedo de Tarpéia; o mendigo passa fome e sede como Tântalo, o debochado faz girar a roda de Ixião, o ambicioso faz rolar o rochedo de Sísifo. Suas vidas são o Inferno, seu fim é o Desespero.

O Mago, o Sábio se preferirem, acolhe de bom grado prazer, aceita a riqueza, preza as honrarias, mas jamais se escraviza a tais coisas. Ele sabe ser pobre, limitar-se e sofrer; suporta o esquecimento, porque a sua própria felicidade nada espera e nada teme dos caprichos da Fortuna.

Ele pode amar sem ser amado; pode criar tesouros imperecíveis e alçar-se acima do nível das honrarias, a dádiva da Sorte. Aquilo que deseja ele possui, pois possui uma paz profunda. Ele não lastima nada que tem de chegar ao fim, mas recorda com alegria tudo aquilo que para ele foi bom. Sua esperança já é uma certeza; ele sabe que Deus é eterno e que o Mal é transitório. Ele é capaz de desfrutar da solidão mas não teme a companhia dos homens; é uma criança com as crianças, é expansivo com os jovens, sereno com os velhos, paciente com os tolos, feliz com os sábios.

Sorri com todos os que sorriem, chora com todos os que choram. Toma parte em todas as festividades, solidariza-se com todos os sofrimentos, aplaude a fortaleza mental, é indulgente com a fraqueza; jamais ofendendo quem quer que seja, nunca tem de perdoar, nunca se julga ofendido; lamenta aqueles que não o entendem e aguarda a oportunidade de lhes fazer o bem. É pela força da bondade que ele gosta de vingar-se dos ingratos. Pronto, ele próprio, para dar tudo, acolhe com satisfação e gratidão tudo o que lhe é dado. Ele se apoia afeitosamente em qualquer braço estendido na sua direção nas épocas difíceis e não confunde com virtude o rabugento orgulho de Rousseau. Ele pensa que dar aos outros a oportunidade de fazer o bem é prestar-lhes um bom serviço e nunca recusa uma oferta ou uma exigência.

Pode-se pensar que um homem desse caráter não seja maior que um rei, mais rico do que um milionário, mais feliz que um Faublas ou um Sardanápalo? Feliz aquele que compreende essa grandeza, aprecia essas riquezas e prova dessas alegrias e desses prazeres! Ele não quer nada mais, tudo aquilo que quer ele tem.

Perfeição é equilíbrio e os excessos de privação são tão maléficos como os excessos de prazeres. As macerações têm o seu insalubre epicurismo e os Faquires gostam de definhar no êxtase do seu orgulho. Os penitentes carrascos dos seus próprios corpos e almas sentem a crueldade do Deus, a quem julgam vingar, triunfando neles. Os incendiários de homens são aqueles que se submetem a uma cruel autodisciplina. O Papa Pio V foi um asceta e o terrível S. Domingos foi um penitente impiedosamente rigoroso consigo mesmo. O fanático capaz de matar-se por Deus é capaz de matar também o seu semelhante; as orgias da austeridade endurecem o coração tanto quanto as orgias do prazer.

Chegando a um equilíbrio perfeito, o homem pode caminhar ou correr sem requebrar um tombo. É preciso que se seja alguém para merecer a existência, mas é preciso que se seja alguém para fazer alguma coisa; nós só existimos para agir; pensamos para falar. A Razão é também o Verbo, mas o Verbo não é apenas a fala, é também vida e ação. Nós somos fortes para trabalhar; somos

instruídos para ensinar; somos médicos para curar os doentes. Nós não acendemos uma lâmpada para ocultá-la numa touceira, disse Cristo. A luz deve ser colocada num candieiro; cada I4m se deve a todos e todos se devem a cada um. Não devemos esconder o talento do ouro; devemos levá-lo ao Banco. Viver é amar e amar é fazer o bem. Devemos desejar o progresso da humanidade, a prosperidade da nossa pátria, a honra da nossa família, o bem-estar do mundo. Aquele que não se interessa por ninguém é um defunto que merece ser esquecido.

— Se algum homem quiser me acompanhar — disse Cristo — renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz diariamente e me siga. Renunciar a si mesmo é emergir do egoísmo a fim de abraçar a caridade. A verdadeira vida do homem não se encontra nele mas nos outros. Carregar a própria cruz é suportar corajosamente os sofrimentos e os encargos da vida. Todos os sábios tiveram as suas cruzes. Jesus, antes de subir ao Calvário, teve a ingratidão dos judeus e a insensatez dos seus discípulos; Sócrates teve Xantipa, Platão teve Diógenes; a filosofia tem de ser aprendida no livro de Jo. Felizes aqueles que choram, disse o Senhor, porém mais felizes ainda, dizemos nós, aqueles que sabem sofrer sem chorar. Fénélon em seu Diálogo dos Mortos acha Heraclito mais humano que Demócrito. Rabelais discorda dele; os animais choram, mas apenas o homem é capaz de rir; o riso é, portanto, mais humano que o choro. O riso é o consolo do homem, e Homero tornou-o privilégio dos Deuses. O Epitáfio do Herói escandinavo era: "Riu e morreu".

É verdade que existem o riso bom e o riso mau, mas o bom é o verdadeiro, o outro não passa do grugulejar do peru ou do esgar do macaco. Os homens bons e sábios sabem rir, mas os maus e os tolos só sabem casquinar. O riso franco é o fruto daquela alegria que uma consciência limpa proporciona.

A árvore pode ser julgada pelos frutos que dá, diz o Evangelho; pé de goiaba não dá laranja. Determina-te, para começar, a seres bom de verdade, e tudo aquilo que fizeres será bom. O Bom, o Belo, o Verdadeiro — Virtude, Honestidade, Justiça — são coisas inseparáveis das quais nasce a verdadeira felicidade; pois o resultado de todas elas é a Paz, que é a tranquilidade da Ordem Eterna.

Pois a vontade, para ser poderosa, tem de ser perseverante e calma. Deus não vacila, diz a Bíblia, e nós não podemos progredir se estivermos sempre a fazer paradas e reconstituir os nossos passos. Depois de semear as boas sementes já não precisamos mais mexer na terra, mas não devemos deixar de irrigar aquilo que plantamos. Então a germinação se fará e a planta crescerá por si. Depois de colocarmos o fermento na massa é preciso que o deixemos agir. O menor esforço, desde que constantemente repetido, acaba por superar todos os obstáculos. Cabe-nos perseverar com uma paciência invencível. Os homens mais poderosos são aqueles que não se excitam e que só agem com finalidades determinadas, com moderação e sensatez. É a economia de trabalho que gera e aumenta a riqueza. Não se deve, contudo, confundir economia com avareza. A riqueza do providente é viva, a do avarento está morta. O providente poupa, o avarento enterra; o providente gasta e distribui, o avarento oculta e sequestra; a vida do providente é útil a todos, a do avarento é inútil aos outros e a ele próprio. O primeiro usa, o segundo abusa; o primeiro colhe, o segundo monopoliza; os bens do primeiro são legítima propriedade os do segundo são simples pilhagem e o produto de furtos.

O homem, reconhecidamente, não tem direito de viver apenas para si mesmo; sua regra de conduta não pode depender apenas dos seus caprichos. Filho da natureza, ele é obrigado a respeitar-lhe as leis; membro da sociedade, ele é obrigado a aceitar-lhe os deveres. Sua vontade poderá torná-lo soberano, mas apenas em função do seu ser é ele um soberano constituído; todos os desejos desordenados naufragam e se despedaçam. Todo capricho é um tolo desperdício da vida e um passo rumo à morte.

Para querer eficazmente, o homem tem de querer com correção e justeza. Para querer com correção, precisamos julgar racionalmente as coisas e não nos deixar transportar pelo preconceito

ou pela paixão.

A opinião da população não é a regra de conduta do sábio. Este não ataca abertamente aquela opinião, mas não se conforma com ela.

Existe, porém, na raiz de todas as opiniões populares alguma verdade incompreendida. Ter poder e prazeres é coisa que fascina e atrai todos os homens e, na verdade, ter poder e prazeres constitui a plenitude da vida humana. Em que então diferem os tolos dos sábios? Em que os primeiros tomam os meios pelos fins e, em consequência, o maior bem torna-se para eles o maior dos males. Ter tudo menos inteligência e razão — que luxúria de miséria! Ter todo o poder para fazer o mal — que horrível sina! Gozar os abusos — que suicídio! Será covarde um guerreiro por possuir boas armas? Será porco o homem por comer trufas de uma baixela dourada? Poderá alguém orgulhar-se por comandar outras pessoas quando não se comanda a si próprio? Alexandre o Grande venceu a Índia e a Pérsia e não foi capaz de vencer a própria intemperança. Senhor do mundo, ele cede a um ataque de fúria e prostra o seu amigo Clito. Parece que estava prestes a romper um universo demasiado pequeno para contê-lo e ele explode através do vinho numa frenética rebelião! Morre de delírium tremens. Esse homem, ora Deus, ora besta, tinha feito as nações tremerem ante sua ambiciosa loucura. Ele morre cedo, assim como todas as esperanças exageradas, e o abortamento dessa gigantesca existência é uma fraude contra a glória. Quanto vazio depois de tanta glória! Que fama infundada paira em torno daquele pequeno cadáver! E não terá sido nele que Jesus pensou ao dizer: — De que vale a um homem conquistar o mundo inteiro e perder a própria alma?

O sapo da fábula se incha tentando ficar com o boi e acaba explodindo; e mesmo que um homem, destituído de Razão, conseguisse crescer sem medida, que poderia ele tornar-se a não ser uma gigantesca irracionalidade, uma enorme loucura, uma sombra mais intensa a ser atravessada pelos lampejos das menores centelhas da Razão? Pois, quer nos tronos da ciência e do poder, quer na condição mais humilde, a Razão é sempre a mesma; ela é a luz de Deus! A Razão é como a Hóstia consagrada pela fé Católica, a hóstia cujos fragmentos mínimos contêm, ou melhor, expressam Deus em sua plenitude. Onde está a Razão, está a Divindade. O que a Razão quer, Deus quer. O ser racional participa da Realeza Divina. Ele quer porque a Razão quer, e a sua vontade é invencível. Como Cristo, ele pode dizer: — Eu sou o princípio que fala. Pode o ser racional ter os seus oponentes, seus perseguidores, seus opressores, mas não tem senhores na terra, e os seus iguais encontram-se no Céu.

O Sol que ilumina um inseto não é menos glorioso que o Sol que torna a Lua resplendente, e um mendigo em sua razão é superior a um príncipe desarrazado.

Diógenes, com justa razão, preferia um raio de sol à sombra de Alexandre, e o cínico mostrou-se igual ao conquistador cujo poder limitou pelo seu direito de não ser incomodado. Nada desejar, nada temer, e querer pacientemente aquilo que é justo, é ser maior e mais forte que todos os senhores do mundo.

RECAPTULAÇÃO SINTÉTICA

MAGIA E MAGISMO

O nome de mago, depois de haver sido tão temido e execrado na Idade Média, tornou-se quase ridículo nos dias que correm. Um homem que se ocupa seriamente da Magia dificilmente passará por razoável a menos que seja rotulado de médico ou charlatão. As pessoas crédulas supõem que todos os mágicos são fazedores de milagres e, estando convencidas de que apenas os Santos da sua Comunhão têm o direito de operar milagres, atribuem as ideias e os fenómenos da magia à influência do Demónio ou dos maus Espíritos. De nossa parte cremos que os milagres dos Santos, e aqueles que são atribuídos aos demónios, são todos o resultado natural de causas anormalmente postas em ação. A Natureza jamais se perturba; seu milagre permanente é a ordem imutável e

eterna.

Ademais, Magia não deve ser confundida com Magismo. Magia é uma força oculta e Magismo é uma doutrina que transforma tal força num poder. Um Mago sem Magismo não passa de um Feiticeiro. Um magista sem magia é tão-somente uma pessoa que SABE. O autor deste trabalho é um magista que não pratica a magia; é um homem do estudo e não um homem dos fenómenos. Ele não pretende ser nem um mágico nem um mago e tudo o que faz é encolher os ombros quando o tacham de feiticeiro. Ele estudou a Cabala e as doutrinas mágicas dos antigos santuários; julga compreendê-las e admira-as com sinceridade; para ele, trata-se da mais nobre e mais verdadeira Ciência que o mundo possui; e o autor lamenta profundamente que sejam tão pouco conhecidas. Por essa razão procura fazê-las mais conhecidas, adotando apenas o título de Professor da Mais Alta Ciência. A Ciência do Magismo está contida nos livros da Cabala, nos símbolos do Egito e da Índia, nos livros de Hermes, nos oráculos de Zoroastro e nos escritos de alguns grandes vultos da Idade Média, como Dante, Paracelso, Tritêmio, William Postel, Pomponáceo, Robert Fludd, etc.

Os trabalhos da Magia são a adivinhação ou presciência a Taumaturgia ou uso de poderes excepcionais e a Teurgia ou domínio das visões e dos espíritos.

Pode-se adivinhar ou prever, seja pelas observações e induções da sabedoria, seja pelas intuições dos êxtases ou do sono, pelos cálculos da Ciência, ou ainda pelas visões do entusiasmo, que é uma espécie de intoxicação. Na verdade Paracelso usa a expressão *ebriecatum* ou uma espécie de ebriedade. Os estados relacionados com o sonambulismo, a exaltação, a alucinação, a intoxicação seja pelo álcool ou pelas drogas, relacionados em suma com todos os tipos de insanidade artificial ou accidental nos quais a fosforescência do cérebro é aumentada ou sobreexcitada. São perigosos e antinaturais, e é errado tentar produzi-los, pois eles comprometem o equilíbrio nervoso e levam quase que infalivelmente ao delírio, à catalepsia e à loucura.

A adivinhação e a predição através da sagacidade pura exigem um profundo conhecimento das leis da Natureza, uma constante observação dos fenómenos e de sua correlação, o discernimento dos Espíritos pela ciência dos signos, a exata natureza das analogias e o cálculo, integral ou diferencial, das probabilidades. É útil adivinhar e prever, mas não nos devemos imiscuir nas nossas predições. Um profeta interessado num assunto é sempre um falso profeta, porque o desejo afeta a sagacidade; um profeta desinteressado, vale dizer, um profeta de verdade, sempre faz inimigos, pois há sempre mais mal do que bem para prever; as ciências ocultas devem ser sempre mantidas ocultas; o Iniciado que fala, profana; e aquele que não sabe manter silêncio nada sabe. Noé previu o Dilúvio mas tomou o cuidado de nada dizer. Manteve-se calado e construiu a sua arca. José previu os sete anos de fome e tomou providências que asseguraram ao rei e aos sacerdotes toda a riqueza do Egito. Jonas augura a destruição de Nínive e fugiu desesperado quando a sua predição não se cumpriu. Os primeiros Cristãos predisseram o incêndio de Roma, e Nero, com aparente razão, acusou-os de haver queimado a cidade. Os Feiticeiros de Macbeth levaram-no ao regicídio, dizendo-lhe que ele se tornaria rei. A profecia parece atrair o crime e amiúde provoca o crime. Os Judeus acreditavam que a Glória de Deus estava envolvida na preservação eterna do seu Templo; prever a destruição daquele edifício era blasfémia. Jesus ousou fazê-lo, e os Judeus, que ainda na véspera haviam estendido as próprias roupas a seus pés e recoberto o seu caminho com ramos e palmas, gritaram em uníssono: "Seja crucificado!" Mas não tinha sido para eles que o Salvador havia feito a sua predição, mas para o restrito círculo dos seus apóstolos e fiéis seguidores; infelizmente, a predição tornou-se de domínio público e serviu de pretexto para o assassinato judicial do melhor dos homens.

Se podemos prever com exatidão e certeza a ocorrência de eclipses e o reaparecimento de cometas, por que não iremos poder prever os períodos de grandeza e decadência dos impérios? Tendo em mãos a natureza do germe, não saberemos que espécie de árvore se produzirá? Conhecendo o motor, o impacto e o obstáculo, não nos é possível determinar a duração e a extensão do movimento? Lendo-se o livro intitulado *Prognosticatio eximii docti Teophrasti Paracelsi* ficar-se-á

atônito diante dos assuntos que esse grande homem era capaz de prever, combinando cálculos da Ciência com as intuições de uma maravilhosa sagacidade!

Pode-se prever com certeza através dos cálculos da ciência, e com incerteza através de uma natureza sensível e im-pressionável, ou intuição magnética.

O mesmo se dá com os milagres; estes são fenómenos espantosos por serem anormais e são produzidos de acordo com certas leis naturais até aqui desconhecidas. Quando a eletri-cidade ainda era mistério para as multidões, os fenómenos elé-tricos eram milagres. Os fenómenos magnéticos assombram hoje em dia os adeptos do espiritismo, porque a ciência ainda não reconheceu e determinou oficialmente as forças do magnetismo humano, o qual, em nossa opinião, difere do magnetismo animal. Ainda não se sabe até que ponto a imaginação e a vontade do homem são poderes. É evidente que em certos casos a natureza lhes obedece; doentes subitamente recuperam a saúde, objetos inertes mudam de posição sem a intervenção aparente de qualquer força, formas visíveis e palpáveis são produzidas; *a causa disto tudo é Deus para uma facção, o Demónio para outra, e ninguém se dá conta de que Deus é demasiado grande para fazer determinadas concessões e que o Diabo, se é que existe tal como costuma ser pintado, seria demasiado inteligente e orgulhoso para se deixar ridicularizar.*

Todas as religiões exclusivas apóiam-se em milagres e cada uma delas atribui ao Diabo os milagres da Fé antagónica. Nisto têm uma certa dose de razão. O Diabo é ignorância, os demónios são falsos Deuses. Pois bem, todos os falsos Deuses operam milagres, o verdadeiro Deus opera um só, que é a Ordem eterna.

Os milagres do Evangelho são as maravilhosas operações do Espírito Divino, relatadas em estilo enigmático, segundo o costume dos antigos e dos orientais em particular. Aquele espírito transforma água em vinho, vale dizer, indiferença em amor; caminha sobre as águas, e com uma palavra acalma tempestades; abre os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos; faz os mudos falarem e os paralíticos caminharem. Ressuscita a humanidade enterrada durante quatro dias (quer dizer, quatro mil anos); mostra-a putretata, como em Lázaro, e ordena seja libertada de seus grilhões e sua mortalha. Esses são os verdadeiros milagres de Cristo, mas quando lhe pedem prodígios ele responde: "Uma geração má e adúltera procura um sinal e nenhum sinal lhe será dado, a não ser o do profeta Jonas." Aqui o Mestre nos dá a compreender que os milagres da Bíblia são também alegorias. Jonas saindo com vida de dentro do peixe que o engolira é a humanidade regenerando-se. Jesus deu aos judeus como milagres incontestáveis a santidade da sua doutrina e o exemplo das suas virtudes.

Jesus poderá certamente haver curado os doentes; uma vez que Vespasiano, Apolônio, Gassner, Mesmer e Jacob também curaram os enfermos; gente doente pode também haver sido curada em Lourdes, bem como no túmulo do diácono de Paris; mas tais curas não são milagres; são o resultado natural de uma certa exaltação da Fé. O próprio Cristo o disse. "Podeis curar-me?", perguntou certo doente. "Se puderes crer, tudo é possível para aquele que crê".

A Fé produz certos milagres aparentes, e a credulidade os exagera. Quando Jesus disse que tudo era possível para a Fé, não quis com isso dizer que o impossível poderia tornar-se possível.

O impossível é aquilo que é totalmente contrário às leis imutáveis da natureza e à Razão eterna.

Todo homem é um foco magnético que atrai e irradia. Tal atração e tal projeção são aquilo que em magia se denomina inspiração e respiração. Os bons inspiram e respiram o bem, os maus atraem e respiram o mal; os bons podem curar o corpo, porque tornam melhores as almas; os maus prejudicam tanto as almas quanto os corpos. Amiúde os maus atraem os bons a fim de corrompê-los, e os bons atraem os maus a fim de torná-los bons. Assim é que por vezes os maus parecem prosperar; ao passo que os bons são vitimados pela própria bondade; engana-se crassamente, porém, todo

aquele que julga que Tibério em Capri fosse mais feliz que Maria aos pés da cruz do filho. Que prazer, no entanto, faltava a Tibério e que sofrimento a Maria? Contudo, que mãe venturosa e que mísero Imperador!

O mel se transforma em fel na boca dos maus, e o fel em mel na boca dos justos. O homem inocente, sacrificado, é deificado por seu castigo; o homem culpado, triunfante, é marcado e queimado pelo seu diadema.

Abordemos agora as perigosas e obscuras regiões da magia, a inter-relação com o outro mundo, o contato com os invisíveis, a Teurgia e a evocação dos espíritos.

Tudo nos prova que existem outros seres inteligentes além do homem. A Heirarquia dos espíritos deve ser tão infinita como a dos corpos. A misteriosa escada de Jacó é o símbolo bíblico dessa Hierarquia ascendente e descendente. Deus repousa naquela escada, ou melhor, sustenta-a. Podemos dizer que aquela escada está nele, ou melhor, que é Ele Próprio, porque ela é como um Deus, e para manifestar Deus o Infinito ascende e desce.

Em cada degrau o Espírito que surge é igual àquele que desce e pode tomar-lhe a mão; mas sempre é preciso que ele caminhe em seguida e atrás daquele que sobe. Esta é uma lei que aqueles que fazem evocações deveriam ponderar seriamente.

Subir eternamente é a esperança dos bem-aventurados; descer eternamente é a ameaça que pesa sobre os réprobos.

Os homens invocam espíritos superiores, mas podem apenas evocar os espíritos inferiores.

Os espíritos superiores que os homens invocam os atraem para o alto; os espíritos inferiores que os homens evocam os atraem fará baixo.

Invocação é oração, evocação é sacrilégio, salvo quando é uma devoção muito perigosa.

Mas os precipitados mortais que se entregam a evocações não têm ideia de fazer o espírito que chamam ascender com eles; eles querem apoiar-se nele e, necessariamente, têm de perder o equilíbrio ao apoiar-se naquilo que está descendo.

O espírito que desce é como que um fardo para aquele que pretende erguê-lo, e, necessariamente, arrasta para baixo aquele que se abandona a ele! Renunciar à razão para seguir as inspirações de um fantasma é mergulhar num abismo de loucura.

A grande época da Teurgia foi a da queda dos antigos Deuses. Máximo de Êfeso invocou-os diante de Juliano, porque os homens haviam deixado de invocá-los; haviam os deuses afundado ainda abaixo do nível do homem comum; também para Juliano pareciam desmerecidos, pobres e decrepitos. Juliano, fanatizado pela magia do passado, desejava colocar às costas aqueles inseguros imortais, assim como Enéias salvara o pai da conflagração de Tróia e o arrogante filósofo tombara sob os encargos dos seus Deuses.

Não podemos ver os Deuses sem morrer. Este é um dos mais formidáveis axiomas da antiga Teurgia, pois os Deuses são imortais; para vê-los precisamos passar do nosso plano para o deles e entrar na vida incorpórea, e só se consegue isto, sem morrer, em imaginação ou ficção, ou num estado ilusório como o do sonho.

Devemos concluir que cada aparição a que sobrevivemos só pode ser um sonho; quando uma visão do outro mundo é real, ou o vidente morre ou então já está morto quando tem a visão. O que escrevemos não faz sentido para o materialista esclarecido que não acredita numa outra vida, mas

este é obrigado, desafiando todas as provas em contrário, a negar os fenómenos do magnetismo e do espiritismo; e não pode, por isso, ser sincero — os verdadeiros sábios são aqueles que crêem. O perigo está em crer sem saber; pois nesse caso acredita-se no absurdo, isto é, no impossível. O francês antigo continha uma expressão que designava a crença irrefletida: era o verbo *cuyder*, do qual deriva a palavra *outrévidence*, que significa uma confiança ridícula e presunçosa.

A Teurgia é um sonho levado ao mais aterrador realismo num homem que se julga desperto. Chega-se a esse estado enfraquecendo e excitando o cérebro, através de jejuns, meditações e contemplações. O ascetismo é pai dos pesadelos e criador de demónios, dos mais grotescos e disformes. Paracelso achava que os verdadeiros espectros podiam ser engendrados pêlos delírios noturnos dos celibatários. Os antigos acreditavam na existência de daimones, uma raça de génios malignos que vagava na atmosfera. S. Paulo parece admiti-los quando fala nos poderes do ar contra os quais temos de combater; os Cabalistas povoavam os quatro elementos e chamavam os seus habitantes de Sífides, Ondinas, Gnomos e Salamandras.

As virgens de predisposições históricas da Idade Média costumavam ver Alvas Donzelas aparecerem junto das fontes; naqueles dias tais fantasmas recebiam a denominação de fadas; hoje em dia quando o mesmo fenómeno se repete, as pessoas julgam que a Virgem se mostrou na terra e fundam igrejas e organizam peregrinações, que ainda carregam muito dinheiro a despeito da decadência da Fé. Não devemos, em assuntos religiosos, teimar em esclarecer precocemente as multidões. Existem pessoas que já não poderiam crer em Deus se deixassem de crer em Nossa Senhora de Lourdes. Deixemos o consolo do sonho para aqueles que ainda não sabem aplicar o remédio da razão à cura dos seus males. As ilusões são melhores que o desespero; melhor é fazer o bem em virtude de um engano do que fazer o mal em virtude da fraqueza de uma razão revoltada e de uma consciência anêmica.

Moisés, ao causar a construção da Arca da Aliança, fez uma concessão à idolatria do povo judeu e os bezerros dourados da Samaria foram depois meras falsificações dos Querubins da arca; esses querubins eram Esfinges de duas cabeças; havia dois querubins e quatro cabeças, uma de criança, outra de touro, uma terceira de leão e a última de águia. Era uma reminiscência dos Deuses dos egípcios: Horas, Apis, Celurus e Hermonfta; símbolos dos quatro elementos e dos quatro pontos cardeais do céu; eram também emblemas das quatro virtudes cardeais — prudência, temperança, fortaleza e justiça. Essas quatro figuras hieroglíficas permaneceram na Simbologia Cristã e tornaram-se as insígnias dos quatro evangelistas.

A Igreja Católica condenou os destruidores de imagens, sabendo embora que as imagens não passam de ídolos; a palavra ídolo em grego apenas significa imagem, e os pagãos não tomavam uma imagem de Júpiter pelo próprio Júpiter mais do que nós tomamos uma imagem da Virgem pela Virgem em pessoa. Eles, tais como nós, acreditavam numa possível manifestação da divindade através dessas imagens; assim como nós, eles tinham estátuas que choravam, viravam os olhos e cantavam ao amanhecer; nós temos, assim como eles, a nossa mitologia, e a Lenda Dourada poderia formar uma sequência da Metamorfose de Ovídio. Nada se destrói na Revelação universal, mas tudo se transforma e continua; a manifestação de Deus se produz no génio humano através de sucessivas aproximações e progressivas alterações. Deus é sempre o ideal da perfeição humana, que cresce em grandeza à medida que o homem se ergue. Deus não se manifestou uma vez para depois calar-se para sempre. Ele fala, sempre, ao criar.

Torquemada e Fénélon era ambos Cristãos e Católicos e, contudo, o Deus de Fénélon em nada se parece com o Deus de Torquemada. S. Francisco de Sales e o Pé. Garassus não falam de Deus da mesma maneira, e o Catolicismo de Monsenhor Dupanloup pouco se assemelha ao de Louis Venillot.

Os Protestantes nivelaram todas as coisas. Negaram tudo aquilo que eram incapazes de compreender e mal compreendem aquilo que afirmam, mas a Revelação não se retrata; ela não se

empobrece, mas acrescenta sempre alguma coisa à misteriosa riqueza do seu dogma. Os Rabinos, a fim de esclarecer os pontos obscuros da Bíblia, reduplicam a escuridão do Tal-mude, e as eras Crisãs deram, como sequência e comentários aos incríveis relatos dos Evangelhos, as Lendas impossíveis das Vidas dos Santos. Àqueles que negam a infalibilidade da Igreja respondemos com a infalibilidade do Papa. Sempre o enigma é um pouco mais complicado a fim de evitar que os tolos o decifrem, pois todo Dogma é um enigma filosófico.

A TRINDADE, ou três em um, significa Unidade, Encarnação, ou Deus feito homem, que significa Humanidade, Redenção, ou todos perdidos por um e salvos por um, que indica a nossa interdependência mútua, a Solidariedade da raça.

Unidade, Humanidade, Solidariedade, esta será a trilogia do futuro; pacífica solução do problema revolucionário: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Na verdade apenas a Unidade Social pode garantir a liberdade das nações, criando o Direito Universal; é só perante a Humanidade e não perante a Natureza que todos os homens são iguais; e é apenas a interdependência mútua ou solidariedade que prova a fraternidade. Mas quantos séculos terão de passar antes que essas Verdades, apesar de simples, sejam compreendidas?

O Catolicismo é o Ocultismo oficializado e baseia-se apenas em mistérios. O segredo dos santuários foi profanado, mas não explicado com frequência.

Édipo pensou em matar a Esfinge, e a peste abateu-se sobre Tebas. Seus irmãos hostis continuam a bater-se e exterminar-se entre si. Os grandes Símbolos do Passado são as profecias do Futuro; mistérios e milagres, assim tem de ser a Religião para as massas, as quais é preciso que sintam fundamente aquilo que não compreendem, de maneira que se deixem conduzir. Esse é o segredo do santuário e os magistas de todas as épocas compreenderam-no plenamente. Os fracos só podem permanecer unidos sob a vigilância e a responsabilidade dos fortes; os fortes se emancipam. Se não tivesse havido pastores não teria havido ovelhas mansas; se os cães fossem livres, vale dizer selvagens, teriam de ser caçados como os lobos; e, verdadeiramente, o vulgo é como os lobos ou as ovelhas; apenas a servidão o salva.

O grande segredo da Maçonaria não é senão a ciência da natureza. Faz muito que ele foi divulgado, mas as pessoas continuam jurando preservá-lo eternamente, rendendo, destarte, uma homenagem ao princípio eterno do ocultismo.

Os verdadeiros Iniciados são pastores e conquistadores: criam as ovelhas e dominam os lobos; essa era, no princípio, a sublime missão da Igreja, mas no aprisco do Senhor os lobos se transformaram em pastores e os rebanhos debandaram.

A verdadeira Igreja deve ser una e não fragmentada em numerosas seitas; deve ser sagrada e não hipócrita ou cobiçosa; deve ser universal e não restrita a um círculo privilegiado que exclui a quase totalidade da Humanidade. Numa palavra, deve vincular-se a um centro comum, que no mundo Romano era Roma, mas que não é mais inapelavelmente Roma do que Jerusalém nos dias que correm. "O vento sopra onde lhe apraz", disse o Mestre, "e assim faz todo aquele que nasce do Espírito". (...) "Onde está o corpo, ali se reunirão as águias".

A Igreja Católica deveria ser a Matriz da indulgência universal. Ela não tolera simplesmente, ela absolve; ela deve excomungar os ódios religiosos e abençoar até mesmo os seus filhos extraviados. É através da fé Católica que todos os crentes sinceros, qualquer que seja o credo que professem, pertencem à alma da Igreja, desde que pratiquem a moralidade natural e busquem a verdade e a sinceridade de coração. Basta que surja um papa que proclame em alta voz essas verdades reconfortantes, e convide todas as nações da Terra para um Jubileu universal, e uma nova era surgirá para a Religião Cristã.

Glória a Deus em tudo aquilo que é grande e paz e boa vontade aos homens na Terra! Foi através desse grito do amor universal que o génio dos Evangelhos anunciou em épocas passadas o nascimento do Salvador do mundo.

A Igreja Oficial representa a Igreja Oculta tanto quanto as castas da sociedade representam a Hierarquia natural; os Sacerdotes, a Nobreza e o Povo representam os homens de devoção, os homens que são superiores em inteligência e os homens que são inferiores.

Os verdadeiros sacerdotes da Humanidade são os filantropos sinceros; os verdadeiros reis são os homens de génio; os verdadeiros nobres, os homens de inteligência e sentimentos elevados; a massa é o grande rebanho dos ignorantes voluntários e dos poltrões. Um simples soldado fiel à sua bandeira é decerto maior do que um Marechal de França que traia a pátria.

Um honesto catador de papéis é mais nobre que um príncipe maldoso; homens eminentes em todos os setores surgiram do seio do povo e reis e rainhas já foram vistos arrastando-se no lodo. Todo homem inteligente e virtuoso pode merecer admissão à mais alta iniciação; os profanos são apenas tolos ou velhacos.

O iniciado não é homem partidário; ele só deseja a unidade, a indulgência recíproca e a paz. Ele não tem opiniões, pois a verdade não é opinião; para ele todas as hostilidades são erros, e todas as pragas, crimes.

Ante os abusos da Igreja Romana, o protesto é um direito e, consequentemente, uma verdade; mas o Protestantismo é uma seita, e, por isso, uma falsidade. A Catolicidade, vale dizer, Universalidade, é o cunho da verdadeira Religião; é, portanto, uma verdade, mas o Catolicismo é um partido e, por isso, uma falsidade. Quando os abusos houverem desaparecido, o protesto já não terá razão de ser, e quando a Catolicidade estiver estabelecida em todo o mundo não mais haverá Catolicismo em Roma.

Entrementes, já que é impossível viver decentemente sem religião, e é impossível ficar isolado dentro da religião, pois a simples palavra religião significa alguma coisa que une os homens uns aos outros, cada um pode e deve seguir os usos e direitos da comunhão em que nasceu. Todas as religiões têm um lado respeitável e um lado defeituoso. Deixemos de quebrar os ídolos dos outros, mas afastemos suavemente da Idolatria todos os homens. É preciso aprender a suportar pacientemente nas Igrejas Católicas o ruído do cerimonial e das alabardas dos Suíços, a curvar-se com gravidade e respeito nos Templos Protestantes, a manter seriedade no interior das Sinagogas e das Mesquitas, a despeito das cabeças embuçadas dos Rabinos e das contorções dos Dervixes. Tudo tem o seu tempo.

Uma religião passa, mas a Religião fica; um homem morre, mas a humanidade não morre; uma mulher deixa de amar ou de ser amável, mas a mulher é sempre merecedora de respeito e amor; uma rosa murcha cedo demais, mas a rosa é uma flor imperecível e floresce de novo a cada primavera. Façamos uso das Religiões pela Religião, amemos os homens pela humanidade, e as mulheres pelo amor da mulher; procuremos a rosa entre as rosas e jamais encontraremos desilusões ou desespero.

Mas porque somos homens não devemos insistir em que as crianças sejam homens. Não devemos bater nelas porque levaram um tombo, nem repreendê-las com rispidez porque não entenderam alguma coisa fora do seu alcance. Não devemos privá-las dos seus palhacinhos e das suas bonecas; elas os adoram; mais tarde elas irão quebrá-los; a mamãe lhes dará novos brinquedos e o papai nada dirá.

Os Livros Sagrados de todas as nações em todos os tempos foram coleções de fábulas; são livros e

figuras feitos para a instrução das crianças.

São, de modo geral, coletâneas resumindo todo o conhecimento e todas as aspirações mais elevadas de um povo e de uma época. São sagrados como compete aos monumentos, e dignos de respeito, como a memória dos ancestrais. O Espírito Divino inspirou-os com certeza, mas inspirou-os aos homens e não aos Deuses.

Eles revelam Deus, assim como a árvore que cresce revela a semente plantada na terra, ou a massa que infla revela o fermento oculto. Esta dupla comparação é tomada ao próprio Cristo.

Já dissemos que os absurdos do Dogma são enigmáticos; são antes sistemáticos. Os grandes Iniciados do Mundo Antigo não explicavam os seus símbolos a não ser por meio de símbolos obscuros. Deus quer ser adivinhado, porque a adivinhação é divina, conforme a própria palavra indica com suficiente clareza. O enigma da Esfinge é a provação de todos os Neófitos e o cão de três cabeças está sempre de guarda à porta da cripta dos mistérios. Na Religião, explicar é profanar; tornar mais obscuro é revelar. Ciência e Religião são como o dia e a noite. Se a razão for o Sol, a fé será a Lua.

Na ausência do Sol, a Lua é a soberana dos céus. Não nos esqueçamos, contudo, que é do Sol que ela toma emprestados os seus raios e que a Fé verdadeira não pode nunca ser absurda, a não ser na aparência.

A Ciência não tem também os seus mistérios? Escape quem puder do labirinto do Infinito. As moléculas indivisíveis existem realmente? Tente-se conceber a substância sem extensão. Se, pelo contrário, a matéria é infinitamente divisível, um grão de areia pode, na infinidade do tempo, através do número infinito das suas partes, igualar a infinidade do espaço.

Absurdos de todos os lados! Pergunte-se a Marfúrio; ele deseja explicar que a evolução policrômica dos conceitos analíticos, no Relativo, é igual ao isocronismo do conceito sintético no Absoluto e daí conclui que o sincretismo do Abstrato é análogo ao sincretismo do Concreto — Cabriolas arciturane!

Os mistérios da fé são em sua maior parte tomados de empréstimo aos mistérios da ciência; por exemplo, não é a luz uma só, em três raios de cores diferentes? Em sua tri-plexidade ela é azul, amarela e vermelha, em sua unidade é branca. Essa Trindade dá sete tonalidades de cor; temos aqui o sagrado setenário. A luz produz formas, encarna-se em seres vivos, morre para renascer, e todas as manhãs redime o nosso hemisfério do cativeiro da noite. Dupuis concluiu daí que Jesus Cristo era o Sol; grande descoberta! É o mesmo que afirmar que uma esfera de papelão é positivamente o Universo. A Religião é uma força que escapa aos ímpios e contra a qual eles se despedaçam. João-Bobo jamais chegará a matar o Diabo, pois o Diabo é uma caricatura de Deus, e essa caricatura pertence àqueles que a criaram. Ele permanece diante de seus olhos, fascina-os, persegue-os. Se todos os cegos pudessem unir-se para exterminar aqueles que podem ver, seriam eles capazes de extinguir até mesmo o Sol?

As massas são cegas e tolas e têm de ser guiadas pelos videntes e sábios. Mas quando aqueles cujo dever é guiar os cegos tornam-se cegos, quando os próprios guardiões dos loucos enlouquecem, resultam quedas e espantosas convulsões. Essa é a história de todas as revoluções.

O uso da força bruta para reprimir desordens provoca reações inevitáveis e terríveis quando tal força não tem o apoio da Justiça e da Verdade: pois torna-se então cega e equilibra, necessariamente, a ação com a reação. A guerra autoriza represálias, porque na guerra, segundo as cínicas declarações de um diplomata alemão, é a força que faz o direito; e o despotismo, dos reis ou da turba, é guerra; a autoridade da Lei e o império da Justiça é paz. A Unidade Social é o fim e o objetivo da civilização e da política transcendental, fim a que, desde o tempo de Nimrod, todos os

grandes conquistadores e estadistas de peso vêm visando. Os assírios, os medos, os persas, os gregos, os romanos, todos procuraram absorver o mundo. Baco, Hércules, Alexandre, César, Pedro o Grande, Napoleão não sonharam outra coisa; os papas procuraram fazê-lo em nome da Religião e a ideia foi excelente; mas a Alemanha hoje em dia opõe a matemática ao fluxo entusiasmado das crenças e enriquece dia a dia o seu erário. O Imperador, um dos dois pilares do mundo, está de novo em pé, e já não é romano. Roma de um lado e, do outro, o mundo inteiro — o equilíbrio já não existe; seria preciso um papa cosmopolita, quando houvesse um imperador universal.

A Alta Magia é a um tempo Religião e Ciência. Só ela harmoniza os contrários, explicando as leis do equilíbrio e das analogias. Só ela pode tornar infalíveis os Pontífices e absolutos os Monarcas; a arte sacerdotal também é a arte Real, e o Conde Joseph de Maistre não se enganou quando, desesperando das crenças exauridas e dos poderes debilitados, voltou os olhos, contra a vontade, na direção dos santuários do Ocultismo. É daí que virá a salvação, coisa que já se está revelando às inteligências mais adiantadas.

A Maçonaria que tanto assustou a Corte de Roma não é tão terrível como se pensa; ela perdeu suas antigas luzes, mas preservou os símbolos e ritos que pertencem à Filosofia Oculta; ela continua a distribuir os títulos e as fitas de Rosacruz, mas os verdadeiros rosacrucianos já não estão nas suas Lojas; eles são o que sempre foram — filósofos e desconhecidos. Martines de Pasquallys e St. Martin têm sucessores que não se reúnem em assembleias regulares. Sua Loja, ao que se diz, está na Grande Pirâmide do Egito, expressão alegórica e mística que os inocentes e ignorantes têm a liberdade de interpretar como quiserem.

Existe uma coisa mais infalível do que o papa: a matemática. Verdades rigorosamente demonstradas obrigam a mente a suposições que podemos chamar de hipóteses necessárias. Tais hipóteses, se me for permitido expressar-me por essa forma, são os objetivos científicos da Fé. Mas a imaginação, exaltada por uma vontade infinita de crer e de amar, tira incessantemente desse objetivo racional deduções paradoxais; a fim de coibir as licenças e as fantasias místicas é preciso haver uma autoridade tocando a razão de um lado e o misticismo de outro; tal autoridade, dogmaticamente infalível, não tem necessidade de sê-lo cientificamente, e não o pode mesmo ser. Ciência e Fé são as duas colunas do Templo; elas suportam o pórtico. Se ambas estivessem no mesmo lado a estrutura cairia para o outro.

É a sua separação e paralelismo que deve manter eternamente o equilíbrio.

A compreensão deste princípio poria fim a uma antiga incompreensão e traria paz a muitas almas. Na verdade, não pode subsistir um antagonismo real entre a ciência e a fé. Tudo aquilo que foi demonstrado torna-se inatacável, e é impossível acreditar naquilo que se sabe positivamente não ser verdade. Galileu sabia que a Terra girava, mas sabia também que a autoridade da Igreja é inatacável, porque a Igreja é necessária. A Igreja não tem autoridade em assuntos científicos, mas pode opor-se com toda a sua força à divulgação de determinadas verdades científicas que, a seu ver, sejam prejudiciais à Fé. Era crença generalizada na época de Galileu que a popularização do sistema de Copérnico faria a Bíblia passar por mentirosa. Obrigada, mais tarde, a reconhecer o sistema, porque este foi demonstrado, foi necessário encontrar meios de conciliar a diferença; a Terra de fato gira, mas a Igreja continua infalível, mesmo quando declara que não é ela própria mas sim Sua Santidade o Papa quem é infalível.

Isto não é dito em tom de ironia; o papa é infalível porque é necessário que assim seja, e ele realmente o é para aqueles que acreditam nisso, uma vez que a sua infalibilidade refere-se apenas a assuntos de Fé.

O trabalho da ciência é desvincular a Fé do conhecimento e vinculá-la ao espírito; à proporção que a ciência se desenvolve, a Fé se exalta.

O eterno Evangelho é como a nuvem que conduziu os judeus no ermo; tem uma face de sombra e outra de luz; a face de sombra é o seu mistério, a face de luz sua razão. A sombra espalha-se sobre a letra, a luz emana do espírito.

Há o Evangelho da Fé e o Evangelho da Ciência. Ademais, a Ciência torna a Fé inexpugnável; aqueles que duvidam não sabem.

A Fé ignorante mantém-se apenas pela obstinação, e a obstinação na ignorância é apenas fanatismo.

Aquele que acredita sem saber, mas sem fanatismo, em breve começará a duvidar, e essa dúvida só poderá ter como resultado o conhecimento ou a indiferença.

Nós precisamos aprender ou deixar de acreditar. Deixar de acreditar é mais fácil, mas para a alma deixar de acreditar é deixar de amar; e deixar de amar é deixar de viver.

Os fanáticos são doentes, mas continuam a viver; os indiferentes estão mortos.

As crenças cegas em nada melhoram a humanidade; cias podem refreá-la através do medo ou seduzi-la através da esperança, mas o medo e o desejo não são virtudes. Um cão poderá sopitar o seu apetite ante a ameaça de um açoite, permanecendo, não obstante, ávido; e com isso soma apenas a covardia à avidez. De modo que, para alimentar alguma crença boa, é preciso sabermos. Já se disse que um pouco de ciência afasta de Deus e muita ciência conduz-nos de volta a Deus; a assertiva tem de ser explicada dizendo que um começo de Ciência e Filosofia afasta o homem do Deus dos tolos, enquanto a aquisição de muita Ciência e Filosofia o aproxima do Deus dos sábios.

O Magista não tem necessidade de formular sua fé em Deus; ele sente em si aquele supremo poder do Verdadeiro e do Deus, que o anima, sustenta, fortifica e consola. Que necessidade há de definir a luz quando se pode vê-la? Que adianta provar a vida, quando se está vivo? Quando S. Paulo se converteu, diz o Ato dos Apóstolos, sentiu como que uma catarata sendo removida das suas vistas.

As cataratas que encobrem os olhos das nossas almas são apenas vãos conceitos de uma teologia leviana e sofismas insalubres de uma falsa filosofia. Os iniciados são os videntes e para os reflexivos ver é saber, saber é ousar; mas, para ousar com êxito, precisamos querer e saber silenciar.

— Nunca se devem extravasar entusiasmos — disse Tayllerand, e o mesmo diplomata afirmou que a fala nos é dada para disfarçarmos os nossos pensamentos. Essa arenga política não é do nosso agrado; não recomendamos disfarçar; recomendamos revestir e castamente recobrir essa Virgem a que chamamos pensamento, pois o nosso pensamento não é interesseiro e falso; o Véu do santuário não é como o pano do teatro; ele às vezes é rasgado, mas nunca erguido.

O iniciado evita com cuidado qualquer excentricidade; ele pensa como os mais esclarecidos e fala como a massa. Se explora encruzilhadas é apenas para chegar mais rápido e seguramente à via principal; ele sabe que os verdadeiros pensamentos são como a água corrente. Os do Passado fluem no Presente e rolam rumo ao Futuro, sem que precisemos retornar-lhe à fonte para os encontrarmos; ele se deixa levar tranquilamente pela torrente, mas se mantém sempre no meio da caudal, não se ferindo nunca contra as pedras que lhe recamam as margens.

Resumamos agora, apresentando aqueles princípios inalteráveis que a um tempo servirão de base e coroamento para tudo quanto vimos escrevendo.

O homem tem dois meios de chegar à certeza — a Matemática e o bom senso.

II

Pode haver verdades que excedam há que contradigam a Matemática.

III

"Aquele que, fora da Matemática pura, pronuncia a palavra impossível, carece de prudência" (Arago), vale dizer, fora da Matemática pura não há certeza completa, universal e absoluta.

IV

Fora da certeza completa, universal e absoluta há apenas crenças e opiniões.

V

Crenças e opiniões não podem ser demonstradas; os mens as adotam por uma questão de gosto ou as aceitam uma questão de política.

VI

As opiniões úteis devem ser incentivadas, e as opiniões perigosas ou nocivas reprimidas. Isto explica a luta necessária entre conservadores e inovadores; apenas os conservadores se tornam perseguidores quando consideram, ou fingem acreditar, perigoso aquilo que é obviamente útil.

VII

A matemática pura existe por si; nenhuma vontade a produz, nenhum poder pode limitá-la. Ela é uma lei eterna que homem algum pode infringir e da qual não é possível escapar.

VIII

Uma coisa pode *parecer* absurda e ser verdadeira quando está acima do bom senso, mas uma coisa contrária às leis da Matemática é real e absolutamente absurda, e todo aquele que acredita em tal absurdo é tolo.

O sinal da cruz, que é a intersecção de duas linhas, sempre foi considerado símbolo divino. Ë o Tau dos antigos Hebreus, o Chi (x) dos Gregos e Cristãos; na Matemática o sinal $+$ representa o infinito e x o desconhecido; $+$ significa mais, e o Infinito é sempre mais. Qualquer que seja o desenvolvimento dado à ciência, marcando-se o seu passo inicial com Alfa e o último com Ômega, teremos sempre diante de nós o desconhecido, que é preciso reconhecer, e a nossa fórmula continuará sendo $\Omega + x$; tudo aquilo que aprendemos desdobrar-se daquele desconhecido que jamais é inteiramente desdobrado; e é isso que produz todas as coisas; não sabendo o que é, nós usamos o nome Deus.

IX

Certa vez pareceu que essa personificação foi realizada na Terra, mas o Deus-Homem morreu na cruz, isto é, no eterno x e apenas a cruz nos resta.

X

A personificação hipotética do Infinito só pode ser infinita e exclui, necessariamente, a unidade individual. Toda individualidade é limitada por alguma outra, a menos que suprima todas as demais; Deus, pelo contrário, sendo o princípio de todas as individualidades, não pode ser um indivíduo. É nesse sentido que se diz ser ele Um em diversas Pessoas. Três é um número místico que representa a geração de todos os demais números.

XI

Deus jamais fala aos homens, a não ser através dos homens, e nada faz na Natureza a não ser através das Leis da Natureza.

XII

Sobrenatural é aquilo que supera nossa inteligência natural e nosso conhecimento das Leis da Natureza.

XIII

Nem mesmo Deus deve ser considerado sobrenatural pelos Teólogos, uma vez que eles arrazoam a Natureza de Deus.

XIV

Os Padres no Concílio de Nice deram a Deus uma substância, afirmando que o Filho era da mesma substância do Pai. Ademais, se for impossível admitir, sem confundi-las, uma substância finita e uma substância infinita, a decisão do Concílio de Nice pode propiciar argumentos aos panteístas e até mesmo aos materialistas.

XV

Se Deus, tal como afirma o Catolicismo, nos criou para o conhecer, amar e servir, e através desses meios conquistar a vida eterna, e se, tal como disse Jesus Cristo, aquilo que fazemos ao nosso próximo nós fazemos a Deus, segue-se que Deus criou os homens para se conhecerem, amarem e servirem uns aos outros e, através desses meios, conquistarem a vida eterna.

A verdadeira adoração de Deus é então a Filantropia. E toda Religião que não inspire, aumente e aperfeiçoe a Filantropia tem de ser falsa.

XVI

Uma Religião cuja consequência seja a exprobração e a punição eterna da maior parte dos homens ou de alguns homens, ou mesmo de um único homem, não inspira a Filantropia.

Isto não afeta a verdadeira doutrina Católica, que apenas emprega a exprobração como ameaça, e é, na verdade, a salvação oferecida a todos os homens.

Aquele que não ama está morto, disse S. João, e os renegados da Filantropia são os que não amam.

XVII

Se Deus fosse, como ridiculamente se supõe, um Personagem Onipotente que fizesse questão de ser honrado com determinadas cerimônias especiais, ele teria revelado tais cerimônias de forma

evidente e incontestável para todos os homens e haveria na Terra apenas uma forma de adoração religiosa, mas tal não é o caso, e o que ele deu a todos é a necessidade e o dever de amar. A Filantropia é, portanto, a verdadeira e única Religião realmente Católica, isto é, Universal.

XVIII

Toda palavra de bênção e amor é a Palavra de Deus e toda palavra de maldição e ódio é o grito da Maldade Humana, que os homens personificaram, dando-lhe o nome de Demónio.

XIX

Um ato de Filantropia, mesmo o mais imperfeito, é mais religioso e meritório que todos os jejuns, todas as genuflexões e todas as orações.

XX

A atração que aproxima os sexos não é filantrópica; pelo contrário, é amiúde o mais brutal dos egoísmos.

XXI

Tal atração só merece o nome de Amor quando é santificada pelos sentimentos de autodevoção e sacrifício.

XXII

O homem que mata uma mulher porque esta já não o ama é covarde e assassino; o que não justifica, contudo, o adultério; mas tudo o que se pode dizer a respeito foi dito por Jesus Cristo.

XXIII

A Lei deve ser sempre rigorosa; a Justiça, indulgente.

XXIV

Os pequenos pagam pelos grandes, mas os grandes também respondem pelos pequenos. Os ricos pagarão a dívida dos pobres .

XXV

As melhores coisas quando corrompidas tornam-se piores do que as más. O que é mais venerável do que o Sacerdócio e mais desprezível do que um mau Padre? Mas os deveres do Sacerdócio são tão sublimes e tão acima da natureza humana, que todo padre que não seja santo é mau. Isto explica o descrédito votado ao Clero nos períodos de esmorecimento do sentimento religioso. *Os Evangelhos dizem que Jesus encontrou um bom ladrão, não dizem nunca que encontrou um bom padre!*

XXVI

O bom Padre é o auto-sacrifício encarnado; ele é a Filantropia alçada a um ideal divino; o mau Padre é aquele que vende orações e faz dos vasos sagrados panelas.

XXVII

Tudo aquilo que faz o bem é bom; tudo aquilo que faz o mal é mau.

XXVIII

Tudo aquilo que nos causa prazer parece-nos bom e tudo aquilo que causa transtornos ou nos aflige parece-nos mau; mas enganamo-nos amiúde, e tais erros são as atenuantes do pecado.

XXIX

É impossível amar o mal pelo mal, sabendo o que ele é, e não se revestindo ele de nenhuma aparência de bem.

XXX

O mal não tem existência real, ou melhor, não existe de forma absoluta. Aquilo que não deve ser, não é: isto é certo e incontestável.

Aquilo que chamamos de mal existe como a sombra necessária à manifestação da luz; o mal metafísico é um erro, o mal metafísico é dor; mas o erro é desculpável quando involuntário. Saber perfeitamente que nos estamos iludindo e contudo, persistir, já não é iludirmo-nos; é tentar iludir os outros. Quanto à dor física, ela é o preservativo e o remédio para o abuso do prazer; ela põe à prova a paciência dos homens sensatos, adverte os irrefletidos e castiga os maldosos. É, portanto, mais um bem que um mal.

XXXI

As anomalias na natureza são sempre aparentes e todos os pretensos milagres ou são fenómenos excepcionais ou artifícios.

XXXII

Quando vemos um fenómeno na aparência contrário às leis da Matemática, é preciso assegurarmos de que não observamos de maneira imperfeita nem estamos sendo mistificados; caso contrário, estaremos sendo vítimas de alucinação.

XXXIII

A Verdade não precisa de milagres, e milagre algum pode provar o que é falso.

XXXIV

As leis gerais da Natureza são conhecidas pela ciência, mas nem a totalidade das Forças nem a totalidade dos Agentes é já conhecida. Já se conseguiu uma visão do magnetismo animal, coisa que decerto existe, mas a ciência encara-o como um problema que ainda não se tentou solucionar.

XXXV

As pessoas sempre perguntam por que os extraordinários fenómenos do magnetismo jamais se produzem em presença de homens cultos. É porque pouquíssimos homens cultos que testemunham um fenómeno para eles inexplicável têm coragem suficiente para atestar a ocorrência.

XXXVI

A luz que vemos é apenas uma porção da luz infinita. São aqueles poucos raios do nosso Sol que

estão em rapport com o nosso aparelho visual. O nosso Sol propriamente dito não é senão uma lâmpada adequada à nossa ignorância; não é mais do que um ponto luminoso no espaço que, para os olhos do nosso corpo, seria apenas escuridão e, para a intuição das nossas almas, é refulgência.

XXXVII

A palavra magnetismo expressa a ação e não a natureza do grande agente universal, que serve de mediador entre o pensamento e a vida. Esse agente é a luz Infinita, ou antes (já que a luz é apenas um fenómeno), o portador da luz, o grande Lúcifer da Natureza, o mediador entre a matéria e o espírito, que os ignorantes e impostores chamam de Diabo, e que é a primeira criatura de Deus.

XXXVIII

O que será mais absurdo e mais ímpio do que dar ao Diabo, isto é, ao Mal personificado, o nome de Lúcifer, que significa portador da Luz?

O Lúcifer intelectual é o espírito da inteligência e do amor; é o Paracleto, é o Espírito Santo; e o Lúcifer físico é o grande agente do Magnetismo Universal.

XXXIX

Personificar o mal e fazer dele uma inteligência, um rival de Deus, capaz de compreender e incapaz de amar constitui uma monstruosa fantasia. Acreditar que Deus permite a essa inteligência maligna enganar e destruir suas frágeis criaturas, já de si tão fracas, é tornar Deus um personagem mais malvado que o próprio Diabo; pois Deus, ao retirar do Diabo a possibilidade de arrepender-se e de amar, obriga-o a praticar o mal. Ademais, um espírito do erro e da falsidade só pode ser uma loucura que pensa, e sequer merece a denominação de espírito. O Diabo é o oposto de Deus; por isso, se Deus se define como aquele que É, o Diabo tem de ser aquele que NÃO É.

XL

Precisamos procurar o espírito dos Dogmas, enquanto lhe recebemos a letra em sua totalidade, tal como a sacerdotal Esfinge no-la transmite. Essa letra é obviamente absurda, a fim de que procuremos mais e mais alto. É certo que para agir é preciso ser e que para pecar é preciso ter consciência e que, por isso, não se pode nascer culpado; que não se pode fazer alguma coisa a partir do nada; que Deus não pode ser um homem, nem um homem pode ser Deus; que Deus nem pode sofrer nem morrer; que uma mulher que dá à luz um filho não pode ser virgem, etc., etc. Ninguém poderá afirmar seriamente o contrário destas verdades, tão palpáveis e evidentes, sem nos prevenir da existência de um mistério, vale dizer, um sentido oculto que tem de ser extraído e compreendido sob pena de nos, tornarmos descrentes ou tolos.

XLI

Aquilo que desculpa os chamados Ateus é o deplorável conceito de Deus criado pelas massas. Os homens o cumularam de todos os seus vícios e imaginaram fazerem-no grande exagerando o procedimento até proporções paradoxais. Assim, por exemplo:

Orgulho — Deus só tem por objetivo a própria Glória! Ele a procura no rebaixamento dos rivais — como se os pudesse ter; ele tortura durante toda a eternidade as suas míseras criaturas — para a sua própria glória; ele matou o próprio filho — para a sua própria glória!

Avareza — Senhor absoluto de todas as coisas boas, ele dá à maior parte de seus filhos apenas a miséria e distribui seus favores entre a minoria, lenta e parcimoniosamente.

Inveja — Ele é o Deus ciumento. Proscreeve a liberdade; desvia a razão dos sábios e favorece, de preferência, os ignorantes e idiotas.

Cobiça — Ele jamais se sacia da carne de suas vítimas; na lei antiga, exigiu sacrifícios de touros; na nova lei, fareja o sangue das vítimas humanas ardendo nos autos-de-fé.

Luxúria — Ele precisa de Virgens como o Minotauro; tem os seus serralhos de langorosas senhorinhas, e frades torturados por pesadelos obscenos; inventou o celibato para criar fantasmas, mais debochados que todas as orgias romanas.

Ira — O tópico principal dos livros sacros e das coletâneas de sermões é a ira de Deus. Sua fúria desencadeia epidemias e, em sua raiva implacável, ele cava um inferno para toda a eternidade.

Preguiça — Depois de um eterno repouso, ele trabalha durante seis dias. Seu trabalho consiste em dar uma ordem diária e depois de dar essas seis ordens ele sentiu necessidade de descansar, e como poderia S. João estar errado quando, depois de representar o mal por um monstro de sete cabeças, nos diz que os homens se prostraram e adoraram essa besta?

Acrescenta S. João que um sentimento anticristão deve animar a imagem desse monstro e fazê-lo falar, e que o mundo se prostrará diante desse simulacro da loucura humana. Evitemos pensar que isto se poderia realizar na pessoa de um soberano Pontífice do Catolicismo; sem dúvida, faz-se aqui referência a algum antipapa ou talvez ao Grande Lama do Tibete!

XLII

São Vicente de Leiria diz que só pertence ao verdadeiro Dogma Católico aquilo que foi em todos os tempos, em todos os lugares e por todas as pessoas, reconhecido. Isto simplificaria maravilhosamente a simbologia e ampliaria prodigiosamente a Igreja.

XLIII

É costume responder àqueles que fazem objeções aos ensinamentos dos Teólogos: "Terás mais capacidade mental que S. Agostinho? Terás mais génio que Bossuet? Mais inteligência que Fénelon?" Tais perguntas são ridículas quando o assunto em pauta estiver nos domínios do bom senso. Eu decerto sou menos versado em Matemática que Pascal, mas se tivesse vivido na época daquele grande homem, e se ele houvesse dito ou permitido dizer diante de mim que dois e dois são cinco, eu teria desacreditado inteiramente a sua autoridade e teria continuado a crer, ou melhor, a saber, que dois e dois são quatro.

XLIV

Grandes e eruditos homens que se calaram ou expressaram de alguma forma, decerto tiveram suas razões para agir como agiram. As altas verdades não se prestam às almas rasteiras; deve haver fábulas para as crianças e ameaças para os covardes; deve haver absurdos para a loucura e mistérios para a credulidade. Só através de lentes escuras podemos olhar para o Sol; olhado através de lente clara, ele nos parece negro e nos cega. Deus é para nós um Sol; precisamos caminhar à sua luz, de olhos baixos; se tentarmos fixá-lo com o olhar a nossa vista nos faltará. A mais perigosa e triste das ciências é a Teologia, pois ela se arvora erroneamente em ciência de Deus. Mas é antes uma ciência da tolice do homem, quando procura explicar o impenetrável mistério do Divino.

XLV

A luz de Deus brilha em todos nós — é nossa consciência. Fazer o bem que ela nos sugere e evitar o mal contra o qual nos adverte, eis os nossos deveres para com Deus.

XLVI

Deus semeia a ideia no Infinito, e os raios do Sol fazem nascer os germes nos Planetas. Os animais saíram da terra como as árvores, mas, tais como as árvores, não saíram plenamente formados nem plenamente crescidos; as espécies têm seus períodos embrionários, bem como os indivíduos de cada espécie. Imaginar que Deus moldou inicialmente uma estátua de barro, soprou-a no rosto e assim fez o homem, é acreditar numa história igual a essas que se contam às meninhas de que os bebês aparecem nos canteiros entre os pés de repolho. Será Deus negado ou a Glória diminuída se nos recusarmos a encará-lo como um escultor? É a Natureza que produz todas as coisas progressivamente e de forma lenta e gradual, operando sempre através das funções ordenadas das forças inerentes à substância, mas é a palavra Divina que orienta as forças para o ideal da Forma. A Natureza executa, não inventa. Os pensamentos que são delineados na matéria provêm apenas da matéria, embora a matéria não pense. Desde o desenvolvimento da primeira célula viva, à perfeição da Forma Humana, Deus disse às forças da Natureza: "Façamos o homem", e o seu mandado estendeu-se por um milhão de anos que, para ele, não passaram de um instante. O Gênesis não é a história natural do homem, é o começo da sua Epopeia Religiosa. O casal primitivo é a unidade Humana estabelecida na primeira família de crentes. Quando Deus espalhou sobre o rosto do homem um sopro de imortalidade, o homem já tinha rosto; que era ele, então, senão uma espécie de animal antropóide? Decerto o homem não descende do macaco, mas o macaco e o homem talvez descendam do mesmo animal primitivo. A teoria de Darwin não contradiz a Bíblia, apenas lhe devolve o ca-ráter do Leão simbólico, exclusivamente religioso; a grande semana da criação é uma série de épocas geológicas e diz-se que Deus repousa quando o homem começa a compreender que o Universo caminha sozinho

XLVII

O sobrenatural é o eterno Paradoxo do desejo infinito. O homem anseia assimilar-se com Deus e o faz na comunhão Católica. Do ponto de vista racional, e encarada de maneira puramente natural, essa comunhão é coisa de extraordinária extravagância. Na comunhão Católica come-se o espírito de Deus e o corpo de um homem! Comer um espírito, e um Espírito infinito! Que loucura! Comer o corpo de um homem! Horrível: Teofagia e androfagia! Que maneira de imortalizar--se! Contudo, que pode haver de mais bonito, mas balsâmico, mais divino que a Comunhão Católica? O desejo religioso, inato ao homem, jamais encontrará satisfação mais completa; eis uma verdade que sentimos vividamente quando acreditamos nela. A Fé cria até certo ponto aquilo que afirma; a esperança no sobre-humano nunca defrauda, e o amor do Divino nunca é decepção. A Primeira Comunhão é a coroação da realeza humana, é a inauguração do lado sério da vida, é a apoteose e a transfiguração da infância, é a mais pura das alegrias e a felicidade mais genuína.

XLVIII

Há então alguma coisa acima da Natureza e da Razão para explicar, justificar e satisfazer às mais elevadas aspirações de ambos. Sob esse ponto de vista, o Sobrenatural é Natural e a fórmula paradoxal da hipótese necessária torna-se perfeitamente razoável. É o espírito humano que constrói o Impossível a fim de chegar ao Infinito.

XLIX

Segundo os Padres da Igreja, a Lei Antiga era apenas imagem e sombra da Nova Lei. As surpreendentes histórias da Bíblia são apenas imagens (não alegorias, pois a palavra seria perigosa), imagens do novo dogma inaugurado por Jesus Cristo, e a base desse dogma é que Deus está pessoalmente unido com a humanidade e que devemos amar e servir a Deus no homem; numa palavra, devemos amar-nos uns aos outros, o que resume toda a lei e os profetas. Não há, portanto, nada verdadeiro na Bíblia que não esteja conforme com os Evangelhos, e o espírito dos

Evangelhos é o espírito da caridade.

Amar e não vilipendiar, amaldiçoar, excomungar, perseguir ou queimar o próximo. Amar o próximo e, conseqüentemente, assistir, consolar, amparar e abençoar o próximo. Caridade é Humanidade investida de um Princípio Divino; é solidariedade enriquecida pela auto-devoção; é o espírito dos santos e, conseqüentemente, o verdadeiro espírito da Igreja Católica ou Universal. Aqueles que têm um espírito contrário a este não pertencem à Igreja.

Mas a caridade na Igreja deve preservar acima de tudo a Hierarquia e a unidade. É de direito protestar contra o abuso de autoridade, mas não contra a própria autoridade.

Existe presentemente uma nova seita Protestante denominada Velhos Católicos, como se a criança recém-nascida pudesse chamar-se velha apenas por ter tido um avô! Mas os ancestrais desses ridículos Protestantes não foram Católicos, que teriam preferido morrer mil vezes a separar-se da Hierarquia e da Autoridade. Seus ancestrais são os hereges de todos os tempos e seu grande ancestral é Satã, esse insubmisso católico do passado.

LI

Para a Religião ser una, para ser sagrada, para ser universal, para preservar e continuar a cadeia da tradição, para basear--se numa legítima autoridade hierárquica, para concretizar e dar tudo aquilo que promete, para ter sinais de poder e consolo para todos, para velar através de pálidas visões as verdades eternas, para unir num só bloco todas as aspirações e todas as esperanças das almas mais exigentes, ela só pode ser Católica, e todas as nações, cedo ou tarde, voltarão ao Catolicismo quando algum Papa iluminado por Deus ousar condenar as mesquinhas paixões, repassadas de cobiça e ódio, do clero Católico; quando um prelado esclarecido for bastante competente para conciliar as luzes da Razão com as obscuridades da Fé, e quando a adoração liberta de interesses materiais deixar de ser objeto de transações mercantis. Tal acontecerá, porque tem de acontecer, e descobrir-se-á então que nos dogmas Cristãos há, como nos primeiros trechos da Bíblia, imagens e sombras da religião do futuro, a qual já existe e pode ser designada como Messianismo, Paracletismo ou, melhor ainda, Catolicidade absoluta, e a qual será a luz de todos os espíritos e a vida eterna de todas as almas.

O GRANDE SEGREDO

Não sucumbir às forças mutáveis da Natureza, mas dominá--las; não nos deixarmos escravizar por elas, mas empregá-las em benefício da imortal liberdade; este é o grande Segredo da Magia.

A Natureza é inteligente, mas não livre. Os corpos astrais têm almas instintivas como os animais e impregnam-se mutuamente; os planetas são o serralho do Sol e os sóis são o dócil rebanho do Senhor.

A Terra tem uma alma que obedece ao Sol, sob os decretos do Destino, e obedece ao homem, instintivamente.

Mas, para o homem dominar a alma da Terra, exige-se grande conhecimento e grande sabedoria, ou grande exaltação. A loucura tem seus prodígios, e em maior abundância que a razão, porque a sabedoria não busca prodígios, mas propende naturalmente a evitar-lhe a ocorrência. Diz-se que o Diabo opera milagres e dificilmente alguém além dele os opera, no sentido que a massa ignara atribui à palavra. Tudo que tende a alienar o homem da Ciência e da Razão é seguramente obra de um Princípio maligno.

O Sol tem inteligência, mas a Terra não a tem; sem o Sol e o labor do homem ela nada produziria. O Sol é o seu fecundador, e o homem seu parteiro, e é com relutância que ela se entrega às carícias

de seu esposo e ao atendimento de seu médico. Animais, feras mal organizadas, insetos nocivos, plantas parasitárias e venenosas, abortos, monstros e pestes, são frutos da sua inabilidade. Ela resiste tanto quanto pode, e sua resistência não é um crime; ela só é a criatura da Lei e serve de contrapartida à atividade do Sol. Segundo a tradição hierática, o homem, único filho de Deus, deveria dominar a terra, mas o homem, tendo violado a lei de Deus, deixou de ser livre, e os escravos são iguais perante a escravidão. A alma da Terra é hostil ao homem, pois acha que este já não tem o direito de governá-la; ela resiste-lhe e o engana; é ela que produz os sonhos, os pesadelos, as visões e as alucinações, favorecida pelo fanatismo, pela dipsomania, pelo deboche e por todas as moléstias nervosas; os loucos, as mulheres histéricas, os cataléticos e sonâmbulos estão todos sob sua influência direta. Chamam-na também luz astral, e é ela que produz toda a fantasmagoria do espiritismo.

Reconhecemos que o nome luz astral não se aplica adequadamente à alma da Terra. Essa força instintiva do nosso planeta manifesta-se através da eletricidade negativa e do magnetismo; a eletricidade positiva, o calor e a luz vêm da influência do Sol.

A alma da Terra irradia principalmente durante a noite. A luz lhe restringe e repele os eflúvios. É particularmente à meia-noite, e de modo especial nas longas noites de inverno, que os fantasmas gostam de aparecer.

Um homem não é santo por ter visões, mas é possível ter visões sendo-se santo, e mesmo entre os santos as visões envolvem sempre alguma coisa ridícula e hedionda. Sta. Teresa era atormentada pelo sangue e acreditava ver paredes vivas que esmagavam e um Querubim armado de arco e flecha para abatê-las. Maria Alacoque viu Jesus Cristo abrir o seio e exhibir o coração palpitante e sangrento. Martin de Gallardon viu um anjo trajado de laçai; as crianças de Sallette adornaram a Virgem com um grande boné de camponês, um avental amarelo e colocaram-lhe rosas sob os pés. Bernadette de Sou-birons vê Nossa Senhora de Lourdes, vestida como uma menina, prestes a receber a eucaristia, com um pequeno avental azul, e rosas amarelas plantadas junto aos talos sob seus pés descalços. Berbignier viu Jesus Cristo em meio a uma multidão de tocos de vela. A mesma visão ressurgiu em Pont-main, onde quatro velas foram vistas fixas na parede do céu, com a boa Virgem entre elas. Ravailac viu as hóstias sagradas adejando em torno da sua cabeça e ouviu uma voz que lhe ordenou matar Henrique IV. A alma instintiva da Terra avidamente exige sangue e favorece as exaltações que levam ao seu derramamento. Os espectros, assim como os corvos, parecem farejar à distância os massacres e as batalhas. A morte de César, a guerra civil que se seguiu e as sangrentas condenações do Triunvirato foram anunciadas por prodígios de que fala Virgílio. Pouco antes da guerra de extermínio que os Romanos moveram aos Judeus, o Templo encheu-se de visões e maravilhas. Os mórbidos milagres dos convulsionários precederam de pouco tempo as hecatombes da Revolução, seguidas estas pelas grandes guerras do Império: hoje em dia os espíritos se transformam em malabaristas e os mortos rondam nossos salões e se acamaradam com as damas... Acabamos de passar pela guerra contra a Alemanha, que mais temos que esperar?

O homem, filho da Terra, permanece em comunicação magnética com a Terra. Ele próprio é um imã especial, que pode aumentar indefinidamente seus poderes através da combinação de imaginações e vontades. E os objetos inertes são magnetizados e, sob a influência da alma física da Terra, atraídos e desviados pelo homem, podem deslocar-se, fazendo que ruídos e raspaduras sejam ouvidos; por vezes até mesmo uma espécie de coagulação aérea modela toscamente alguma forma fugidia as pessoas julgam ver luzes ou mãos; sonhos se corporificam e a natureza parece delirar: novas pitonistas rabiscam ao acaso novos oráculos tão pouco sérios como os antigos: as mesmas causas produzem os mesmos efeitos.

Conseguirá o homem domar um dia esse tempestuoso e voraz animal a que chamamos Terra? Não, enquanto não descobrir um fulcro para a alavanca de Arquimedes e enquanto a montaria estiver segura de derrubar o montador. Em vão o homem atormenta a Terra; a Terra acabará sempre por tragá-lo. Daí o grande sonho de Prometeu, isto é, do gênio humano, ter sido sempre o segredo de

Hermes, ou seja, a descoberta de uma panaceia para todas as moléstias, a velhice e a morte .

O desejo de imortalidade, que sempre espicaçou a alma humana, representa um protesto contra nossa sujeição à voracidade da Terra, mas a Religião colocou imortalidade na morte e gaba-se apenas de que irá livrar do jugo da Terra aquela porção dentre nós que deseja alçar-se aos Céus.

Mas na linguagem do simbolismo, Céu é espírito, e Terra é matéria; Céu é luz, e Terra é sombra; Céu é o bem, Terra o mal; Céu é Paraíso, Terra é Inferno. Os teólogos que acreditam num Inferno localizado não encontram lugar para ele senão no centro da Terra, o que parece confirmar que o mal é a materialidade.

A Terra é indolente, porque é pesada e material e, como a indolência provoca a fome, a terra engendra espécies imperfeitas que se entredovoram. Ela gosta de produzir seres que se matem mutuamente porque se banqueteia dos cadáveres dos próprios filhos. A guerra é a condição inevitável da existência sobre a Terra e a *raison d'être* está sempre do lado mais forte. A Força não tem precedência sobre o Direito; ela constitui o Direito. Aquilo que Darwin chama de seleção natural é o triunfo da força.

Por que há abortos na Natureza? Por que tantos esquemas imperfeitos, se o Poder Criativo é onipotente? Porque toda Força encontra uma resistência como Fulcro, porque a inércia combate o movimento, porque a sombra tem de contrabalançar a luz. Tudo é previsto pela soberana inteligência universal, e a Providência de Deus não constitui intervenção direta e pessoal. Se Deus não cria os animais, manda a Terra produzi-los. Deus emprenhou a Natureza, e esta tornou-se mãe, produzindo frutos sem auxílio alheio; mas ela poupa esforços e simplifica seus grandes trabalhos; produz a vida, e esta, por sua vez, opera sobre formas diferenciadoras, segundo as condições circunscrevíveis. Um esforço gera outros esforços, uma forma gera outras formas e o progresso só é possível através da lei da transformação.

Os mistérios da Natureza demonstram e explicam os da Religião, que exigem o máximo da compreensão humana: a eleição Divina, ou seja, a salvação final, combinada com a provável condenação da maioria; a estreita passagem, regeneração ou transformação moral, a ressurreição ou futura transformação do homem de agora num ser mais perfeito. De modo que aquilo que se supunha iria abalar a Fé serve para corroborá-la, aquilo que se esperava derrubasse a Religião reabilita-a. Os paradoxos declarados de Darwin explicam os oráculos de Jesus Cristo, e nós acreditamos com maior segurança, porque conhecemos melhor aquilo em que devemos acreditar. Estas verdades, mais cedo ou mais tarde, dominarão a opinião, e a opinião, quando baseada na Verdade, sempre encerra autoridade. Começa-se condenando Galileu; mais tarde torna-se necessário aceitar aquilo que ele disse, e a Igreja não se torna menos infalível, porque a autoridade é necessária, e quando a Igreja transmite autoridade ao papa, este se torna infalível, mas não milagroso; pois a autoridade pode ser delegada, mas não se podem delegar milagres.

O anseio da Religião é o desejo primordial da alma Humana: ele existe lado a lado com o Amor e no Amor. "Existem" — diz o Sr. Tyndall, destacado cientista britânico — "existem outras coisas entretecidas nos tecidos do homem, tais como o sentimento de veneração, respeito, admiração e não apenas o amor sexual, ao qual acabamos de referir-nos, mas o amor do Belo na Natureza, físico e moral, o amor da Poesia e da Arte; há também esse profundo sentimento que desde a aurora da História e, provavelmente desde tempos anteriores a toda História, incorporou-se às Religiões do mundo; talvez se riam dessas Religiões, mas, de qualquer forma, só se ri de determinados acidentes da forma, e não se toca a base imutável do sentimento religioso na natureza emocional do homem. O problema dos problemas na hora presente é dar a esse sentimento uma satisfação razoável."

A solução desse grande problema acreditamos tê-la indicado com clareza, a fim de permitir que escritores mais credenciados que nós a descubram e a dêem, com maior êxito, às legítimas

aspirações do mundo. O espírito da inteligência virá, conforme Cristo prometeu, e toda a Verdade nos será ensinada.

As doutrinas da mais alta ciência, chamada magia pelos antigos, não sendo atualmente reconhecida pela ciência oficial, só podem ser apresentadas sob o nome de Paradoxos, palavra que significa coisas acima da razão.

Paracelso, cujo nome significa uma elevação do pensamento de certa forma paradoxal, designava-os por Arquidoxos, vale dizer, coisas ultra-razoáveis e mais que razoáveis.

Deus é o grande Arquidoxo do universo. A Religião é Arquidoxal quando parece Paradoxal. A Liberdade é o Paradoxo do Arquidoxo do divino humano.

Razão absoluta, conhecimento absoluto, amor absoluto são Arquidoxos do gênio humano; a imaginação é Arquidoxal na criação e concretização dos paradoxos.

A Vontade corre para o Arquidoxo e não se detém diante do Paradoxo.

A Razão Absoluta é, tal qual a Divindade, o supremo Arquidoxo da compreensão; o absoluto, para a mente, é a razão não-condicionada; o absoluto, para o coração, é a perfeição infinita; ademais, sendo o belo a refulgência do verdadeiro, a beleza infinita só pode existir na personificação ideal da Verdade e do Amor. Tal personificação, realizada no homem, é a Cristandade; realizada na sociedade como um todo, será a Catolicidade.

Aquele que disse: "Acredito porque é absurdo", deu-nos em forma paradoxal a fórmula do Arquidoxo, e, na verdade, sob e acima da razão só se pode encontrar o absurdo; mas o absurdo que fica sob a razão é tolice e loucura, ao passo que aquele que lhe paira acima é entusiasmo e auto-sacrifício. Abaixo da razão da massa está o materialismo; acima da razão científica está Deus. Credo quia absurdum!

Completemos agora os nosso Paradoxos Mágicos com um último a que chamaremos Evangelho da Ciência.

Evangelho da Ciência! Que absurdo! Como se a Ciência pudesse ter um Evangelho, uma Bíblia, um Corão, um Zend--Avesta ou um Veda. Todos esses livros sagrados pertencem exclusivamente à Religião e aos Sacerdotes das várias formas de adoração, e a Ciência só se ocupa deles para confirmar-lhes a antiguidade, autenticidade e influência sobre a História das nações.

Não há Evangelho verdadeiro a não ser o de Cristo, mas é verdade que existem Evangelhos Apócrifos.

Escrever, hoje em dia, um Evangelho Apócrifo seria anacrônico; procurar dar um Evangelho dogmático que não o de Cristo seria loucura e impiedade.

Usamos, por isso, a palavra evangelho como expressão paradoxal, em consonância com o título desta obra que é Paradoxos Mágicos.

A palavra Evangelho significa boa nova e, deveras, seria boa nova para o mundo saber que ciência e religião se harmonizaram em definitivo.

Mas tudo vem no devido tempo, e o mundo não está salvo por se ter escrito um livro excêntrico.

As ciências ocultas são necessariamente excêntricas, pois tão logo deixem de ser excêntricas deixam de ser ocultas.

Uma semente é colocada na terra; ninguém a vê, salvo aquele que a plantou, e, quando a terra se fecha sobre ela, ninguém mais a vê. Os homens passam perto do local em que a semente está enterrada, chegam mesmo a caminhar sobre ela e durante muito tempo ela germina em silêncio. Depois um tenro rebento fura a terra, divide-se em duas folhas, e entre essas duas folhas surge um broto. E assim permanece sem que ninguém se dê conta. Um dia constata-se que o rebento se transformou em árvore nova; depois esta cresce e, lentamente, se faz árvore grande.

Enquanto isso, aquele que a plantou já foi enterrado.

Ele jamais colherá os frutos de sua árvore, nem se sentará à sua sombra.

Seu corpo alimenta a terra e pode fazer que outras árvores germinem; seus pensamentos crescem no céu e fazem que outros pensamentos floresçam. *Pois nada morre; tudo se transforma; aquilo que já não é, tornará a ser, mas aquilo que era pequeno será grande, e aquilo que era mau será melhor.* Esta é nossa Fé e esperança — AMÉM!

FIM